

CORPUS, CRISIS E CONFABULAÇÕES

Tentamos reunir aqui as escritas impróprias e inacabadas do confabulando, a wiki do coletivo corpus crisis. Os textos estão em permanente (re)edição e vieram para cá num susto, sem ajustes e correções. Confabulemos!

Nossa wiki é um exercício constante de confabulações. Nela, seguindo a filosofia de copyleft, postamos textos que nos interessam, tentando na medida do possível colocá-los em diálogo e exercitar um posicionamento crítico em relação a eles.

Aqui não apenas estão textos escritos por nós e verbetes dedicados a questões que nos intrigam e a pensadoras que nos inspiram, mas também textos que nos interessam e que não possuíam versão no português, por isso nos encarregamos de traduzi-los. é bom frisar que esses textos foram traduzidos por pessoas que não se colocam neutralmente na posição de tradutorx; somos pessoas que entendem que o ato da tradução é um ato de se colocar em confronto com o texto, de se misturar com ele...

Não só a página está confabulando, o próprio exercício de tradução é uma

confabulação. mas antes que x leitorx se canse desse conversê, vou explicar o que quero dizer com confabulação. será que os dicionários podem nos ajudar?

confabular = do latim confabulare por confabulari; falar com, conversar

A primeira coisa que me vem à mente quando alguém fala "confabular" é uma imagem de um grupo de pessoas conversando, fazendo um plano, conspirando talvez. isso encaixa bem com o conceito do dicionário acima; então confabular (1) é um exercício de conversa, ou seja, tem um caráter de "estar na companhia de alguém". No entanto, se pensarmos a Confabulação como derivada de fabulação, abre-se outra perspectiva:

fabular = 1) contar fábulas, mentir; 2) inventar.

Com isso, confabular ganha o sentido (2) de criar histórias, inventar, imaginar possibilidades. Propus (e proponho) que o conceito de Confabulação fizesse parte de uma tentativa de borrar as definições fixas de teoria e ficção (e verdade e falsidade também, por que não?) questionando a hierarquização entre teoria > fato > ficção que se constrói no

seio da teorização, justamente por essa dimensão de número 2.

Confabular torna-se, assim, um exercício de mentir em grupo (bem ao gosto do corpuscrisis); ou melhor, um exercício de ficcionar a teoria em companhia de outras pessoas, seja presencialmente, seja através de seus textos.

O **corpus crisis** surge do encontro de questões, pessoas e inquietações. olhamos para o nosso corpo e o percebemos em crise. estou em crise! fizemos da crise o veículo instaurador da nossa fala, fala (e grito) (e silêncio) que nos leva em busca da reconstrução de outro corpo e outros corpus. nossas crises têm-se feito em forma de teia, de rizoma, de cadeia, de misturas, de rupturas, de anseios, desejos, interferências, lutas, desapontamentos, transformações, reinvenções... de trânsito, e em trânsito.

Nascendo em maio de 2005, numa paródia do feriado corpus christi, como um evento que buscava reunir pessoas e grupos para conversar sobre as crises dos corpos (gênero, sexualidades, o lugar que os corpos ocupam no espaço, arte a partir do corpo, transgressões pelo corpo, violações do corpo, alterações de corpo e mente, conflitos

entre o modelo repartido mente versus corpo); o corpus crisis acabou por se tornar permanente se organizando como um coletivo, carinhosamente kk.

Como espaço/grupo/encontro de pessoas, questões, inquietações e intervenções feministas, queremos criar um lugar de ação política questionador e inovador, que faça novas abordagens a velhos problemas e articule soluções que saiam do plano teórico e invadam a prática cotidiana. falar a partir da crise. nosso desejo é estabelecer um lugar de produção criativa onde possibilidades outras possam ser pré-figuradas e performatizadas, o que, acreditamos, fortalece e dá novos sentidos a bandeiras anti-sexistas, anti-racistas e anti-capitalistas que nos são tão caras. mas cuidado, porque até esse lugar estabelecido está sujeito à crise!



No feriado de corpus crisis celebramos a pluralidade, o movimento, a crise como veículo motor, a mudança, a desconfiança da norma, a zombaria, os corpos que não se enquadram, a resistência aos padrões de beleza, a sabotagem da heteronormatividade, a singularidade (rumo aos 6 bilhões de sexos, até que a categoria "sexo" não faça mais sentido- implodida de dentro)

Como pode ser o encontro esse ano??

Pode ser um encontro em que os processos de organização, os trabalhos de limpeza, de alimentação e de encaminhamento dos lixos (o trabalho doméstico) sejam foco de atenção e de participação geral.

Pode ser um encontro em que as falas e reflexões sejam descentralizadas, ou seja, apareçam e sejam postos em questão por todas as pessoas. um encontro em que também as questões de autoria e de personalidade sejam repensadas, sejam questionadas na prática, em que haja uma abertura para novas vozes.

Pode ser um encontro em que não haja uma vontade de especialistas, nem de autoridades caídas do céu.

Pode ser um encontro em que o tempo não esteja escravo de um objetivo final de produtividade, mas que seja sempre aproveitado em relação ao que está acontecendo.

Pode ser um encontro no qual as figuras da organização estejam dissolvidas num sentimento coletivo de que todis e cada umi se sintam implicados a construir. um encontro no qual a atitude de consumo, de cliente esteja abolida.

Pode ser um encontro em que as pessoas tenham em mente que se todis cagam, vomitam e sujaram pratos, por que só algumas pessoas ficam responsáveis por limpar isso?

Pode ser um encontro em que a cozinha e os banheiros sejam espaços políticos, de conversas e ações coletivas. em que tenhamos em mente que não podemos participar apenas das conversas, já que pra comer precisaremos passar um tempo arranjando alimentos, cozinhando e depois limpando o espaço.

Pode ser um encontro em que o importante sejam trocas de conhecimento, de afetos, de idéias, de fluidos e de impressões. em que haja também espaço para divergências e que estas sejam postas e cuidadas coletivamente.



Pode ser um encontro no qual a gente construa coisas, práticas e idéias que transbordem na nossa rotina, sendo a nossa rotina no próprio encontro e não só nele.

Pode ser um encontro em que a noção de autonomia signifique a interdependência entre o máximo de pessoas possível.

Pode ser um encontro em que não haja uma oposição entre liberdade e obrigação, mas sim em que nós nos sintamos implicados nos processos mesmos de sustentabilidade livre.

Um espaço em que outras regras sejam acordadas, sejam cambiantes, sejam repensadas, sejam trocadas por outras que se encaixem melhor às nossas necessidades.



ESBOÇANDO UMA CRÍTICA ANARQUISTA(?) À PORNOGRAFIA

Porque falar mais uma vez sobre pornografia? não sei se esse é um tema muito bem aceito/entendido pelas pessoas em geral. vou tentar uma abordagem diferente... será que consigo?

Bem, queria começar alertando que esse não é um texto contra o sexo, talvez seja um texto contra um sexo estereotipado, fixo, normativo e normalizante. acredito que a pornografia tem papel essencial na normatização de nossos desejos, penso que, tanto quanto uma novela, um filme qualquer, ela não é isenta de ideologia e mostra um sexo permeado por noções de hierarquia, dominação, consumo.

Muitas pessoas já me fizeram a pergunta: "mas de que pornografia você está falando?" e minha resposta normalmente é "da pornografia tradicional..." mas hoje minha resposta é diferente: "que tipo de pornografia você pensa que foge (e que realmente foge, ok?) desse modelo?" (e quem quiser responder essa pergunta e instaurar um diálogo saudável sobre o assunto, escreva pra mim). eu acredito que há poucas, e realmente queria conhecê-las, porque até hoje não tive contato com elas...

Querendo determinar melhor o que chamo de pornografia, vou incluir sob esse nome aquelas representações do sexo que partem de, ou geram, uma relação comercial; ou seja, aquele vídeo que você filmou com seu/sua parceir* não serve aqui, ok? talvez essa representação do sexo seja melhor, mais próxima da realidade, mais apelativa pra mim (e pra quem mais sente-se sub-representada pela pornografia tradicional), porém ela não está dentro do que eu chamaria "pornografia"; isso porque acredito que a lógica com a qual a pornografia funciona é uma lógica capitalista, por excelência, ou se não, uma que reforça e corrobora o ciclo de dominação do capital. é bom lembrar que em nossa sociedade ocidental e capitalista, os corpos femininos - como fonte do trabalho exclusivamente feminino de produção/manutenção de mão de obra - são alienados (assim como o

trabalho de um operário, na terminologia de marx); as mulheres não só não tem o poder sobre seus corpos - que é delegado aos homens - como também são elas mesmas moeda para troca entre eles. não tendo controle sobre seus corpos a sexualidade feminina passa a ser vista em função do prazer masculino e parece que é justamente isso que a pornografia reforça;

Voltando então para o meu problema com a pornografia: um dos principais problemas é a faceta "educadora" da pornografia; muitas pessoas, muitas feministas, inclusive, elogiam essa face da pornografia, mas eu acredito que ela é particularmente problemática. sendo uma das poucas formas de termos acesso ao que é sexo, como funciona, etc (pra muitas pessoas é a única fonte de informação), a pornografia conforma o sexo real no que eu chamaria de "forma tradicional de se fazer/entender o sexo". é uma forma não só estereotipada, mas hierárquica, onde o prazer feminino é representado de uma forma muito complicada: a mulher "goza" de um jeito estranho (na verdade seria melhor dizer apenas que ela geme) a maior parte do tempo, sem muitas preliminares, sem muitos cuidados; é bom lembrar que cada filme é cuidadosamente feito e só as partes "interessantes", para aquele que compra, é que são mostradas, isso significa que a maior parte do filme estará centrada na penetração; mostrar a penetração cruamente, com closes e etc, não é esse o problema aqui, o problema é que o filme mostra que é tudo bem simples, é "chegar chegando", sem cuidados com lubrificação, nem nada.

Vendo um filme desses bem idiotas, de sessão da tarde, chamado "porn n' chicken" achei um bom exemplo do que quero dizer: entrevistando uma atriz pornô *s protagonistas do filme (que, aliás pensam estar fundando um movimento revolucionário, por montarem um grupo de pessoas que assistem pornografia e comem frango frito as quintas a noite) perguntam se ela gosta/se orgulha de seu trabalho e ela diz que é uma felicidade dar dicas

de como obter mais prazer, ou de como fazer um sexo mais seguro, etc. e dá um exemplo de suas dicas: "nunca usem lubrificante, apenas cuspe!" - é claro que o exemplo aqui é bem forçado, porque faz parte do tom irônico do filme, mas é assim que aparentemente funciona. a pornografia ensina o quê e para quem? essas são perguntas importantíssimas. porque parece que ela ensina coisas que para mim se enquadram ainda na mentalidade de sexo para o prazer masculino única e exclusivamente, porque a mulher que goza o tempo inteiro, porque para o homem é excitante ouvir seus gemidos - sejam eles de dor ou de prazer.

Voltando ao outro problema central que é a questão do capital: a indústria da pornografia está preocupada não em promover bem-estar, em educar melhor as pessoas para o sexo, ou qualquer outra dessas coisas. ela está preocupada com o que vende e o que não vende. e, como na indústria cinematográfica, o que vende é o que está devidamente conformado às formas tradicionais de pensar e agir; é o que faz relaxar, entretém, diverte e promove um relativo esquecimento dos problemas e pressões da vida. assim é com o filme pornográfico;

A pornografia não representa uma quebra com os valores tradicionais. apesar de muit*s acharem que a simples representação do sexo já é revolucionária, é bom lembrar que sexo é quase um supra-tema em nossa sociedade. não é a simples explicitação do sexo que poderia tornar a pornografia revolucionária, senão a novela da globo seria de esquerda (hehehe). precisa muito mais pra ser tida como revolucionária: precisa pelo menos ser uma representação que desmanche as marcações de gênero fortemente delimitadas... tem que ser pelo menos uma representação que questione os papéis de gênero, ou as próprias categorias, ou as práticas tradicionais. ou que pelo menos tenha corpos não inseridos no padrão de beleza sacramentado. se bem que isso também é complicado; acho prob-

lemático a forma que corpos totalmente fora do padrão são sexualizados, tidos como "bizarros", passam a fazer parte de um desejo estranho; ou como mulheres consideradas fora do padrão são ultra-sexualizadas e isso se torna mais um lugar de opressão; estou pensando aqui em como os meninos de classe média costumam iniciar-se sexualmente com suas empregadas, que eles mesmos consideram feias (porque não-brancas, porque não-magras, porque não-louras) mas como que numa herança do escravismo, servem para saciar-lhes o desejo.

Não consigo ver a pornografia como desligada das formas tradicionais muito arraigadas de ver/pensar/fazer sexo. gostaria de poder dizer que a pornografia funciona como transformadora dessa realidade, mas, ao contrário, vejo ela funcionando como mantenedora das estruturas de dominação capitalistas e masculinistas sobre as mulheres.

quiero viajar
hay que abrigarse
queda inundada toda la calle
la rabia creciendo por dentro
el trabajo no me deja vivir
quieren poseer mis sueños
yotama

Entendemos que o marco se estabelece como uma marca que simboliza-se - no seu sentido mais interessante - como um corpo passa a significar uma multiplicidade de corpos... não importando que forma, que cor, que sexo ele comporta. O que importa é que uma coletividade de corpos se disponibiliza através de uma marca/máscara para significar sua impessoalidade, sua transitoriedade, seu trânsito.

Para cada grande evento, para cada grande movimento, um grande homem. há aí uma série de chavões e uma certa personificação da história. O que pode ser entendido como um recurso didático que, a nomear e pontuar alguns momentos e pessoas (homens) torna mais fácil a impregnação e veiculação de um conjunto de idéias e acontecimentos. Mas é também um recurso que invisibiliza. Apaga e/ou camufla uma identidade que se forjou e que se forja cotidiana e coletivamente.

Quando usamos a expressão “pessoas de cor”, estamos dizendo que as pessoas brancas não têm cor? Se a gente chama as pessoas negras (ou indígenas, ou pardas, ou orientais...) de “pessoas de cor”, a gente está dizendo que as pessoas brancas são incolores. E é só reparar direito pra ver que não é verdade. Todas somos pessoas de cor, ninguém é sem cor. Então porque umas cores são marcadas como cor e outras

não? Porque à uma cor é atribuída uma marca, e a outras uma neutralidade? Quem foi que decidiu que a cor branca é a cor neutra? E daí a gente pode fazer um monte de questionamentos nesse sentido, por exemplo, quem decidiu que o o genérico masculino é neutro? Que a heterossexualidade é normal e que o lápis rosa-esbranquiado da minha caixinha de lápis de cor é cor-de-pele? Quem decidiu que uma cor é a cor da pele e que as outras cores são cores diferentes? Quem marcou uma cor e não marcou outra?

Parece até aquela expressão da infância, “tia, fulaninha está me marcando, está de marcação comigo”. Marcar está aí num sentido bem negativo, e esse sentido negativo que eu queria mostrar mesmo: está marca que foi dada a algumas coisas é uma marca estigmatizada, ela traz com ela uma carga que reduz as pessoas a esta marca. A pessoa marcada é reduzida a sua marca. Deixa de ser pessoa.

Pois bem, continuando esse raciocínio, a gente começa a pensar, quem são então essas pessoas que estão marcando umas para parecerem neutras, desmarcadas? É todo homem branco, hétero, possuidor? Se não existem pessoas desmarcadas, se todas as cores são cores, se todas são marcas, então fica difícil identificar esse inimigo. Essa é uma parte muito perversa dessa marcação. Ela está naquele velho exemplo, “existe machismo? existe. você é machista? não”. Quem é o nosso inimigo afinal de contas? Bom, esse é um ponto pra pensar. Outra coisa que a gente pode observar nessa marcação é

que parece que umas pessoas, mais desmarcadas que as outras, são mais livres. A marcação fixa, nos reduz à marca, nos prende e sufoca. Ser mulher é isso, é aquilo, é aquilo outro. Existe o lugar da mulher, “lugar de mulher é na cozinha” e por aí vai. Lugar de pobre é na praça de alimentação? As marcas impedem o nosso trânsito. Quer dizer então que essa marcação serve pra nos prender, pra escolher quem transita por onde.

Penso que se não dá pra apontar alguém completamente livre de marcas (o tal homem branco, hétero, possuidor, não tem também um lugar marcado?) A gente pode pelo menos apontar que essas marcações servem a um sistema. Serve a um sistema que não está interessado em pessoas que transitam livremente, um sistema que usa essa marcação pra se manter.

Mas existem movimentos de resistência a essa restrição de transitar livremente, esses movimentos podem funcionar de várias maneiras, uma delas é pela reafirmação, pela retomada das marcas tidas como negativas. A marca deixa de ser prisão e passa a ser local de resistência, de existência. É a cozinha resignificada, como gosta de dizer o krap, feminismo na cozinha, como andam dizendo umas do kk. Esses movimentos não só reclamam o poder de autoafirmação de nossas marcas como questiona a neutralidade de uns, que deixa de ser um pra ser outro também. E aqui eu não estou nem colocando “outra”, porque a outra é tão tirada que nem entra na história.

É por isso que quando a gente fala “os trabalhadores e as trabalhadoras”, não estamos apenas colocando as mulheres no retrato, mas estamos marcando os homens como diferentes também - como gênero não neutro. Quando

percebemos que “somos todas marcas” ou que não existem corpos desmarcados, começamos a questionar o trânsito livre de um corpo em detrimento de outros corpos.

Diferença entre carregar marcas e ser carregadas por elas, desviar das marcas que são impostas como carimbos que aprisionam e pensar em marcas como possibilidade de uma base de solidariedade. todos somos marcadas a partir dessa(s) marca(s) como um chão, uma posição que permite falar com outra posição, outro chão, em que as pessoas podem compartilhar experiências. Há momentos em que é estratégico me afirmar lésbica ou vegana, seja como resistência, luta, ou como forma de construir uma solidariedade com pessoas que compartilham ou se dispõem a compartilhar essa luta e essa experiência. Pode existir alteridade e não diferença, que pressupõe hierarquia e opressão.

Ausência de movimento é um sintoma de morte. marcas tais, que aprisionam, usurpam a alegria de poder escolher outros caminhos. lembrando que a liberdade de escolher é estranhamente associada ao consumo. a possibilidade de escolher custa caro. a maneira como a gente fala diz muito como a gente vive e se organiza em grupo. gentes precisam de categorias que as sustentem. falar é uma condição de existência conjunta. que diz coisas sobre como queremos viver (desejos, angústias). fazer micropolítica é minar sistemas de dominação que adoram quando não há oposição (não institucionalizada (domesticada)), quando não há resistência ou subversão.

O processo de marcar resistências (a diferença, ora negação de sistema) é controlar o foco e contágio para manter o sistema funcionando. sabotagem, como forma descentralizada e anônima de resistência - jogar tamancos na engrenagem - é crime e por isso deve ser neutralizada, sistematicamente. a figura do dominador - que não aparece - não pode dormir em paz!



Minha memória é fraca e eu já tive tantas posturas com respeito a cinemas como o cine ritz {um famoso cinema pornô de Brasília}, que quando tento me lembrar se já fui ao cine ritz me confundo - não sei se é só imaginação que algum dia entrei dentro do cinema, fiquei excitado e entediado e saí dele me sentindo miserável. Não importa. Tenho uma multidão de homúnculos dentro de mim que me puxam pelo braço em direção à pornografia. Imagino que estes homúnculos vivem na pele, no sangue e na cabeça de muitos homens. Não sei de onde eles surgiram. Às vezes me pergunto se eles nasceram comigo; às vezes penso que não nasci homem, tornei-me homem e os homúnculos ensinaram uma parte da lição - ou melhor, uma parte da lição foi que eu devia enfiar estes homúnculos dentro de mim. São muitos homúnculos que me puxam mais ou menos para dentro do cine Ritz. Mas vou eleger um representante deles e convidá-lo - posso apelidá-lo carinhosamente de Ritzículo. Tenho também outras multidões de homúnculos dentro de mim, por exemplo, aquele que abaixava a minha cabeça quando eu saía miserável do cine Ritz. Estes homúnculos me dizem que qualquer pornografia inventa desejos em mim, desejos que esquartejam as mulheres, as enxergam como uma boceta a ser fodida, desejos que me fazem associar prazer e dominação, ocupação, subjugação. Estes homúnculos sentem em sua pele o arrepio do erotismo puro que Audre Lorde uma vez encontrou em simplesmente conectar com as

peçoas, apenas por conectar: Estes homúnculos têm orgasmos múltiplos lendo gente como John Stoltenberg ou Andréa Dworkin. São também muitos os homúnculos que têm estes orgasmos. Mas vou escolher apenas um representante para convidar - posso apelidá-lo de Dworkínculo. Os dois, Ritzículo e Dworkínculo são homúnculos que vivem discutindo dentro da minha cabeça, na pele da minha mão, entre os poros das minhas costas. Eis um dos diálogos que eles travam:

Ritzículo: A pornografia é uma escapatória para o erotismo. Quando meu desejo de trepar é muito grande, me masturbo; às vezes o desejo fica ainda mais satisfeito com as imagens e os sons da pornografia. Não sei se a pornografia satisfaz meu erotismo, mas pelo menos me livra das minhas urgências...

Dworkínculo: Mas a que preço? Ela me ensina a desejar a dominação, a erotizar o controle, a gostar do jogo de provocar e conquistar. Eu acho que a pornografia é um desperdício de erotismo. Aquilo que é mais pulsante e que mais nos sacode é colocado à disposição de um roteiro fixo em que eu sou o homem que domina a presa depois que ela me tenta, se insinua, pede para ser dominada e eu a domino. Cada vez que eu vejo uma pornografia, ficam reforçadas as lições de que as mulheres querem ser dominadas, não importa o que elas digam. A pornografia aparece como a autoridade a nos contar o que as mulheres realmente querem...

Ritzículo: As mulheres que eu conheci fora da pornografia raramente querem apenas serem dominadas; esta é uma fantasia pornográfica.

Dworkínculo: Mas por que é que eu quero dominar as mulheres, possuí-las, fodê-las, tê-las como objeto da minha conquista que me faz sentir fiel aos princípios da minha casta masculina?

Ritzículo: Sei lá se eu quero isto tudo... Quero as mulheres, às vezes gosto de dominá-las como na pornografia, a pornografia realiza estes desejos...

Dworkínculo: Mas a pornografia enfiou estes desejos em mim!

Ritzículo: Não sei se meus desejos foram criados por uma pedagogia pornográfica ou uma matriz misógina ou sei lá o quê. Mas eu desejo sexo e a pornografia me mostra o que eu desejo, mesmo que a pornografia seja o meu desejo por definição. Hoje eu desejo corpos femininos sensuais e lânguidos, não sei de onde isto veio, mas sei que desejo estas coisas.

Dworkínculo: Eu aprendi a desejar estas coisas, mas não é só isto que eu aprendi.

Ritzículo: O que mais eu aprendi a desejar?

Dworkínculo: Eu acho que a pornografia ensina a desejar porque o desejo é contagiante. Não somos alheios às pessoas à nossa volta, aprendemos a ser o que somos olhando outras pessoas e pensando no que elas fazem e no que elas gostam. É por isto que a pornografia pode ser tão eficiente—desejos são aprendidos, aprendemos com as outras pessoas o

que é desejável (e o que não pode ser desejável). É uma lição difícil, precisamos anos para aprender e muitas pessoas não aprendem direito—acho que ninguém aprende direito. E, no entanto, talvez nós não tenhamos nenhum desejo a não ser aqueles que aprendemos vendo as outras pessoas desejarem. Para aprendermos a desejar muitas coisas, temos que ter contato com muitas coisas. Temos que ter um regime plural de desejos.

Ritzículo: É estranho, parece que nossos desejos não são quase nunca realmente nossos.

Dworkínculo: E talvez nenhum elemento da nossa cabeça seja realmente todo nosso. Nossa cabeça é parte de um sistema material de dominação sexual das mulheres que dispõe dos nossos corpos para erotizar o conflito da nossa casta masculina com as mulheres. Uma base desta dominação é que as mulheres são caças, são presas - e a pornografia é uma representação da sedução e da posse. Meus desejos foram forjados em um regime assim; e, no entanto, eles são pelo menos em parte meus.

Ritzículo: E o que faço com meus desejos? Reprimo, realizo ou fico em um meio termo morno que é a masturbação? Quando entro no clima da masturbação, só a pornografia me interessa; não penso mais que as diferenças de comportamento sexual são instigantes e como elas podem ser subversivas, não penso mais nos trechos dos livros que me fazem chorar—procuo os trechos de romances em que



há alguma coisa que me excite, procuro imagens de sexo ou procuro pensar minha própria pornografia...

Dworkínculo: Não, quando eu imagino não é pornografia. Eu sempre imagino uma acontecimento semiplausível na minha vida e... não, é pornografia sim!

Ritzículo: É pornografia. Mas sem a pornografia, o que eu faço com os meus desejos: reprimo ou realizo? Olha,

Dworkínculo, eu quase sempre estou pronto a entender os desejos sexuais que eu tenho como sendo em grande medida fabricados pela pornografia, que é agente da maneira, que muitas vezes parece frustrante, de como vivemos as coisas eróticas. Há um homúnculo dentro de mim, o Naturínculo, que insiste que meus desejos simplesmente vieram assim. Mas não dou muita trela para ele.

Entendo meus desejos como tendo uma história associada com o resto do mundo e, no entanto, desejos aparecem muitas vezes como urgências, como alguma coisa que me impele a fazer alguma coisa. Nestes casos, eu faço o meio termo; mas me pergunto se faz bem ficar na opção morna, melhor seria contratar uma puta e... pronto!

Dworkínculo: Acho que contratar uma puta seria reforçar ainda mais o esquema dos desejos que me frustra. Você sabe, Ritzículo, minha agenda é me curar da pornografia. Talvez, eu penso às vezes, se eu começasse a agir com as mulheres de um outro modo; assim, deliberadamente, depois com o tempo o meu próprio comportamento me contagiaria. Eu começaria negociando cuidadosamente com meus desejos e depois aprenderia a não mais me excitar com mulheres que seduzem para serem controladas...

Ritzículo: Tenho vontade de trepar. Esta conversa me lembra sexo e, depois que este diálogo começou a ser registrado, dei pra procurar pornografia na rede. Ah... Agora achei um casal trepando em várias posições e ela contando assim:

Logo no elevador ele chegou mais perto e a gente começou a se beijar, senti a mão dele entrando por baixo da minha saia e sentindo a minha bundinha. Comecei então a mexer no pau dele por cima do short, que já fazia um volume bem duro e gostoso que me deixou louca. Estava totalmente duro, cada centímetro. Ainda no corredor do prédio a gente se pegava, se beijando e passando a mão um no outro. Quando entramos no ap ele me levou pro o quarto e tirou a camisa, foi ótimo ver o seu tórax, e já ir explorando o corpo dele, era definido e gostoso, nem precisou de mais incentivos pra eu já tirar toda minha roupa, começando pela saia e revelando já minha boceta pra ele. Depois de eu tirar a blusa, ele tirou o short e a cueca e nossa, quando eu vi aquela pica! Dá vontade de gemer só de pensar. Que tesão... Logo falei para ele que era muito tesudo aquilo, que a rola dele estava muito dura. Só de escrever já estou toda molhada. Na hora eu já me virei e fiquei de quatro, com os braços na cama apoiada, oferecendo minha bunda pra ele. E aí senti pela primeira vez a pica dele esfregando ali atrás, estava bem quentinha e me deixava louca, ficamos roçando um no outro assim um bom tempo, ele de pé me encoxando e eu apoiada na cama. Logo ele começou meter então comecei a gemer muito, já estava caindo na cama, falei que o pau dele metia muito bem e não sei se foi impressão, mas senti que ficava mais duro ainda dentro da minha boceta. Ele me pegava pela cintura, o que me deixou excitada até hoje; adoro que peguem na minha cintura e ele metia com força acabando comigo.

Leio este relato de uma mulher, vejo as fotos do corpo dela, e o pau fica duro e tenho vontade de me masturbar. Começo a me masturbar até gozar... {pausa}

Dworkínculo: Depois de gozar, parece que eu recomeço a pensar naquilo que fico enfiado debaixo do tapete enquanto eu estava com toda atenção na pornografia. Começo a me perguntar por que esta mulher escreve isto. Exibicionismo, ela diz, isto a excita. Ela escreve o que os homens querem ouvir, talvez ela faça o que os homens querem que ela faça - e talvez esteja aí a excitação dela. Mas parece que o desejo dela não está bem aí, ela não pode ter desejos de satisfazer os desejos dos homens - seus desejos são independentes!

Ritzículo: Às vezes, Dworkínculo, parece que você deixa o Naturínculo tomar conta de você. Os desejos dela também são construídos pela pornografia...

Dworkínculo: Claro, mas é por isto que dá vontade de promover uma agenda de cura da pornografia. Talvez nós devemos libertar nossos desejos da imagem de sexo: re-erotizar o resto de nossas vidas e deixar nossos desejos estarem presentes em conexão com todo o resto de nossas vidas: enxergar as pessoas ao invés de despedaçar os corpos. Experimentar desejos que não tem roteiro fixo, que não envolvam sedução e conquista, que integrem nossa genitália com nossas emoções específicas com respeito a cada pessoa...

Ritzículo: Sim, mas o que fazer enquanto este projeto não acontece? Reprimir meus desejos de gozar vendo corpos sendo possuídos? Olha, Dwor, eu tenho evitado realizar meus sonhos de dominação orientados pela pornografia. Muitas vezes não sinto que não posso fazer o que eu quero porque não quero apenas isto: na maioria das vezes, meus desejos são outros, são desejos de contato com as pessoas. Mas, como posso parar de masturbar com pornografia quando o desejo de sexo puro aparece—ok, eu sei que você acha que sexo puro é uma maneira ruim de tratar os desejos pornográficos, realmente, mas você sabe o que eu quero dizer...

Dworkínculo: Sim. Mas olha, Ritz, eu realmente não sei o que devo fazer; a punheta com pornografia me incomoda. Mas me incomoda esta fragmentação que parece parte da maneira masculina de pensar: é como se nossas experiências pudessem ser fraturadas, literalmente seus ossos

quebrados, examinamos os pedaços e esquecemos dos ossos, examinamos os ossos e esquecemos do corpo. Me incomoda esta coisa de que meu pau é de um homúnculo, meu coração é de outro. Esta hiperatomização me corrói. Há uma parte de mim que fica esmagada quando vejo imagens de gente trepando, me excito e me masturbo - gente que são corpos sensuais, é o que importa. Queria ter minha vida sexual mais integrada com as coisas que me encantam - queria apenas me excitar com elas. Fico com uma ânsia enorme de me livrar deste legado da pornografia...

Ritzículo: Dwor, acho que nós temos medo destes homúnculos que são o Assimmesmo e o Deixaestar. Um medo de deixar de se preocupar e simplesmente se entregar ao que parece que desejamos, como muitos homens dão a impressão de fazer. Mas às vezes eu tenho medo deste medo, tenho medo de correremos tanto do Assimmesmo e do Deixaestar que acabemos parando de fazer outras coisas, de ter prazer.

Dworkínculo: Acho que é possível subverter a minha própria estrutura de desejo desde dentro afirmando algumas coisas, ao invés de apenas proibir a pornografia. Ousar, ousar integrar meu erotismo no resto da minha vida, ousar liberar as energias eróticas de todo o meu corpo - afirmar tanto um prazer corporal não-pornográfico que a pornografia fique parecendo sem cor, desinteressante, pálida diante destas outras experiências...

Ritzículo: Bacana Dwor, mas você mesmo disse que os desejos contagiam. Parece que o prazer pornográfico é um prazer que eu posso ter sozinho, sem me comprometer com ninguém, sem depender de ninguém - a não ser talvez de um suporte de imagens aqui e ali. Mas como eu posso reafirmar desejos alternativos dentro de mim sozinho?

Dworkínculo: Eu sei, às vezes sinto-me tentado a promover imagens e textos eróticos alternativos; uma espécie de contra-pornografia. Às vezes tento me masturbar pensando em imagens muito diferentes daquelas que a pornografia promove. Tem vezes que dá certo.

Ritzículo: Mas a punheta é muito pouca ação afirmativa para empalidecer a atração da pornografia que às vezes toda hora, às vezes uma vez por semana, reaparece!

Dworkínculo: Parece que não posso mudar meus desejos sozinho. Tenho



tido algumas experiências fantásticas com as mulheres que conheci, sobretudo desde que comecei este tortuoso caminho de me curar da pornografia.

Ritzículo: Mas aí há um problema: as mulheres reais tem que oferecer mais prazer, mais erotismo que o que a pornografia oferece para que a pornografia empalideça. Por muitos dias, às vezes semanas, ela empalidece, mas não para sempre. Parece que ela volta a me ocupar. E ela não aparece somente com textos e imagens explicitamente ou implicitamente pornográficas, ela aparece no comportamento que às vezes eu tenho com as mulheres e elas por vezes realimentam meus desejos os mais pornográficos - por exemplo, pedindo assim: me estupra. Eu me pergunto, é claro, de onde vem esta fala...

Dworkínculo: A pornografia está na cabeça de todo mundo...

Ritzículo: Mas quem disse que as mulheres querem todas se curarem da pornografia? Aquela mulher da rede, por exemplo, pode ser que ela esteja bem feliz com seus desejos (ainda que talvez em 10 anos queira desejar coisas muito diferentes).

Dworkínculo: Não quero curar todo mundo da pornografia, este é apenas um projeto para mim mesmo. Claro que não posso me transformar sozinho, mas talvez não precise que toda a humanidade de uma só vez abandone a pornografia - talvez me sejam suficientes apenas alguns gatos

pingados em torno de mim; uma massa crítica!

Ritzículo: Mas Dwor, se está na cabeça de todo mundo, quem vai me contagiar a cura? Realmente, isto me incomoda muito.

Dworkínculo: A cura tem que vir do contágio dos exemplos. Ou seja, há fissuras na ordem pornográfica estabelecida. Proponho que tentemos enfiar a mão, o braço, as pernas (e o pau!) nestas fissuras.

Ritzículo: Mas como? As mulheres que pedem para serem estupidadas (ou comidas, ou fodidas ou arrebitadas) não podem junto comigo fazer a tal ação afirmativa super-super que vai empalidecer a pornografia porque elas tem uma perna dentro da fissura, mas outra perna fissurada nos roteiros pornográficos!

Dworkínculo: É verdade, Ritz, não há ninguém que, sozinha, pode nos conduzir pela mão para fora dos domínios da pornografia. Porém, também penso que ninguém aprendeu apenas os desejos pornográficos. Há outros exemplos em todo mundo; os exemplos que eu intuo quando aparece aquela melancolia pós-pornografia. Não são as mulheres que redimem, mas são os momentos das vidas das pessoas em que elas desconfiam que sua vida erótica fica bitolada e amordaçada pela pornografia - e que elas podem querer mais...

Ritzículo: Dwor, tenho medo de Assimmesmo e de Deixaestar. Quase sempre que me masturbo tenho medo

de estar desistindo um milímetro ou dois de ter uma vida erótica mais descolada da pornografia. De me agarrar ao prazer de foder, reconhecer que quero isto; reconhecer que o desejo da pornografia é meu e pronto. O resto do mundo terá que se adaptar aos meus desejos...

Dworkínculo: Tenho este medo também; eles são fortes e poderosos estes homúnculos. Nos arrastam pelos cabelos. Mas eles prometem muito pouco para o meu futuro; eles oferecem apenas um gozo fácil e a frustração de erotizar uma guerra mesmo que eu não goste de guerra. Eu quero confiar que podemos resistir a esta onda de cinismo que invade tantos homens...

Ritzículo: Resistir, vamos resistindo. Mas não me interessa tanto esta erótica da resistência, da denúncia dos nossos desejos. Eu prefiro quando você faz seus discursos pela ação afirmativa, por mais desejos de outros tipos, quando você confia que outras imagens e outras estórias vão me capturar e vão empalidecer a pornografia. Talvez seja possível dissolver a pedagogia pornográfica em um oceano de multipedagogias para os meus desejos... Mas quem vai prover tudo isto?

Dworkínculo: Eu quero continuar tentando começar. Tentando ver pessoas para além das suas partes. Tenho medo de Assimmesmo e de Deixaestar, mas noto também que eles não me erotizam - quero peitos, quero bundas, mas não quero me conformar.

Não tenho desejo de beijar e abraçar Assimmesmo e nem de dar mordidas em Deixaestar. Nem sequer quero enjaulá-los. Isto me faz perder um pouco da ansiedade. Boto fé que eu posso fazer diferente, pelo menos às vezes.

Ritzículo: Às vezes perco a coragem, quero apenas uns desejos satisfeitos. Fica parecendo que sexo é uma arapuca, é um atoleiro: meus desejos são também provação, a parte mais difícil de minha vida.

Dworkínculo: Eita, é. Mas parece que nesta parte difícil é que podemos ser um pouco mais livres. No meio dos meus desejos aparece todo tipo de coisa; na maioria das vezes aparece bem mirradinho, mas aparece. É nestes desejos mirrados e incomuns que eu me agarro agora. Pelo menos enquanto eu tiver algum desejo de não mentir.

FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA

Apesar da ficção científica ser um campo majoritariamente composto por homens, desde a década de 70 existe, principalmente nos EUA um crescimento na proporção de mulheres escrevendo dentro desse gênero literário, e além disso, escrevendo FC com uma perspectiva de gênero.

Algumas escritoras/escritos já se tornaram clássicos nessa nova ramificação de ficção científica que se mistura com a crítica feminista, como o *The Female Man* de Joanna Russ, *Herland* de Charlotte Gilman Perkins (livro que apesar de ter sido escrito no começo do século XX só foi editado em 1971), *Dispossessed* da Ursula Le Guin, *Kindred* da Octavia E. Butler.

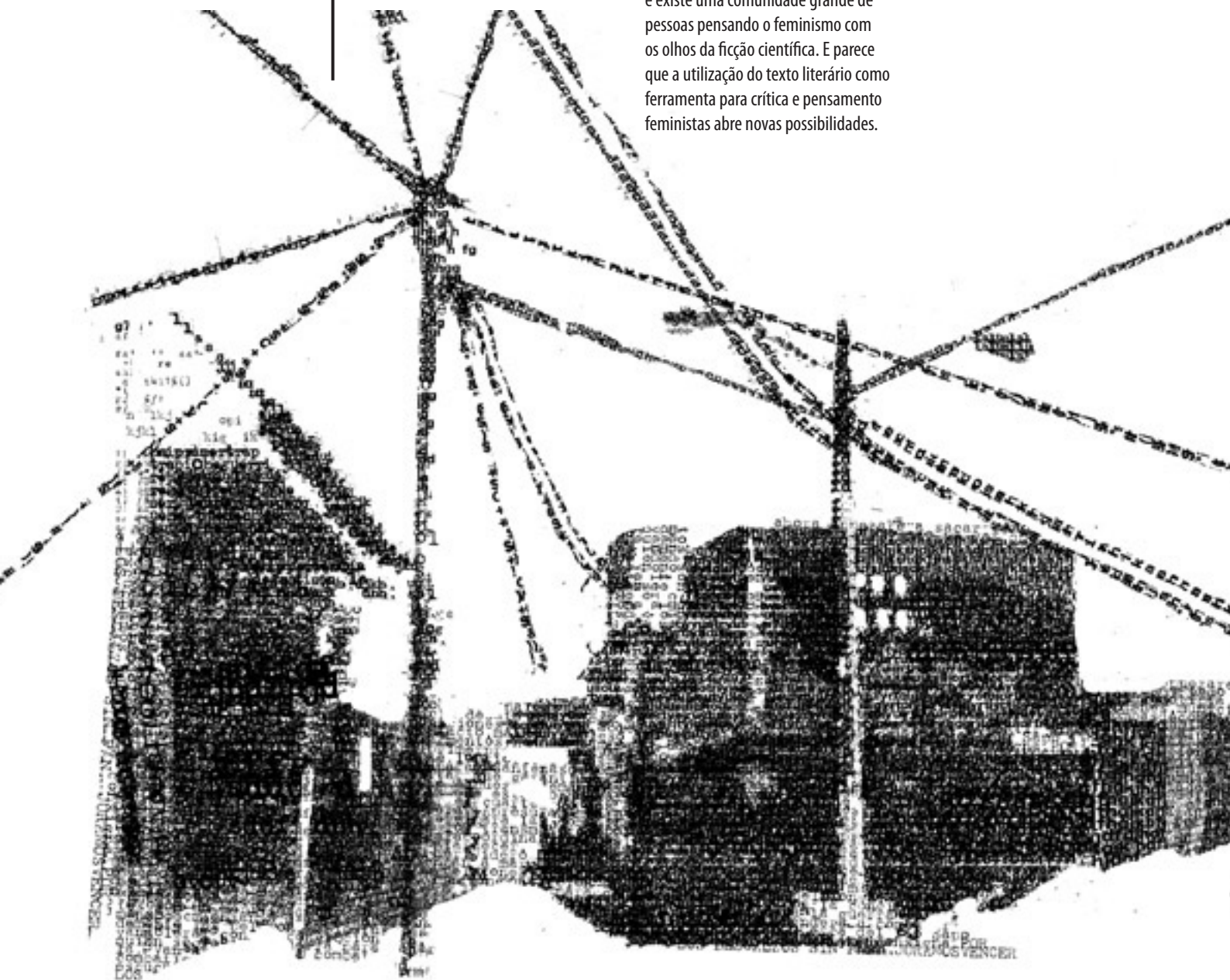
Aproveitando-se da tendência à crítica social que a própria ficção científica possui, o que essas mulheres vão fazer é imaginar histórias que sacudam/denunciem/fraturem situações patriarcais com as quais nós leitoras estamos acostumadas. Por isso, muitas vezes, as histórias giram em torno de situações de utopia ou distopia.

A Ficção Científica Feminista orienta-se para o desejo e a esperança de uma situação não-patriarcal, segundo Frances Bartkowski em seu *Feminist Utopias*:

“o espaço imaginado {da ficção utópica feminista} sempre implicou o aqui e agora de sua produção, seja implícita ou explicitamente. Essas ficções utópicas feministas nos contam tanto sobre o que é possível desejar, quanto sobre o que é necessário esperar. Elas são contos que impossibilitam e possibilitam condições de desejo.”

Muitas das autoras, como é o caso da francesa Monique Wittig fazem de sua escrita um exercício prático de sua teoria. Tentando subverter as categorias de gênero através da escrita. Nesse sentido a Ficção Científica Feminista pode ser entendida como algum tipo de *écriture féminine*.

Nos EUA muita produção acadêmica tem sido feita a partir desses textos e existe uma comunidade grande de pessoas pensando o feminismo com os olhos da ficção científica. E parece que a utilização do texto literário como ferramenta para crítica e pensamento feministas abre novas possibilidades.



A filosofia do corpo é uma filosofia marginal, porque não pode ser pensada sem que se recuse a própria subjetividade, que é o que está no centro de nossa filosofia. Mas, como tudo habita as margens, o pensamento sobre o corpo comprime o que o marginalizou. Por isso incomoda, perturba, agita. Pensar o corpo demanda um abandono do “eu”, porque o corpo, pensado como “meu”, se torna um objeto no qual habita a alma, exilando, como fez Descartes, o eu pensante de seu próprio corpo.

O corpo, na história da filosofia, nunca entrou em crise. Ele sempre esteve. Sócrates encarou com bravura sua condenação à morte porque, morrendo, se livraria de seu corpo e, assim, sua alma poderia pensar sem interferências. Platão desprezava os sentidos por nos afastar das idéias puras. Eles eram apenas um meio, um estímulo inicial para que, em contato com o mundo, nos lembrássemos de tudo o que nossa alma já sabia antes que nosso corpo tivesse nascido. O corpo perece, as idéias são eternas. E, assim, prolongou-se uma tradição, não de esquecimento do corpo, acredito, mas de explícito banimento desse. O corpo é menor, é baixo, é fraco. Libertar-se dele é atingir o verdadeiro conhecimento.

A filosofia da Idade Média fugiu do corpo não apenas pelos motivos dos gregos, dos quais eles se apropriaram, mas também por outros motivos: os do cristianismo. Agora o corpo amedronta, é porta para o inferno. Deve-se resistir ao seu chamado, aos seus desejos. Jejum e celibato purificam e salvam. Os mártires não só renunciam aos prazeres do corpo, mas também se flagelam, se maltratam, se expõem à dor. Quanto mais castigo receber o corpo, mais graça receberá a alma. Os seres, quanto mais puros - dos animais a Deus, passando por anjos e arcanjos - de menos matéria são compostos. O ser humano, que possui matéria e espírito, quanto mais cultiva o último, mais elevado se torna. A fogueira é a purificação dos pecadores e, principalmente, das pecadoras; a inquisição é o tribunal

enviado dos céus para julgar mulheres e homens, principalmente mulheres. Afinal, elas são corpo, puro corpo, o qual é possuído pelo demônio. Evitar o corpo é, no fim das contas, evitar as mulheres, o feminino, a fraqueza.

Mais tarde, surge a Idade da Razão, com “r” maiúsculo, cemitério do corpo e triunfo da alma. Descartes, dominado por uma neurose grave, nos torna oficialmente exilados de nossos corpos. Supôs que poderia ser o mundo produto de uma ilusão e nele estava incluído nosso corpo. A alma era nossa única certeza e porto seguro. Mas, enfim, alguém pôde salvar o corpo dessa vez, para que ele não permanecesse uma ilusão dos nossos sentidos. Quem? Ninguém menos que o próprio Deus, que em sua infinita bondade, não nos faria de tolos, não nos criaria dotados de sentidos enganadores. Existe, pois, o corpo. Mas isso só se pôde descobrir a partir da pura intelecção, completamente despida, desnuda dessa carcaça perecível que é o corpo. Para Descartes, então, o corpo não tem nenhuma participação nessa atividade nobre, primordial e segura que é o pensamento. O corpo não pensa. Parece óbvio, não?

Vejam só! Aqui estou eu na velha incursão pela história da filosofia, que menos esclarece do que mascara o problema. Esse problema invisível, intocável e inefável, que, por isso mesmo, é indispensável. O corpo, intruso, não se deixa esquecer, não se deixa evitar. Por mais que queiramos, ele está ali. Uma presença muda e perturbadora, que por vezes se camufla, mas volta sempre, intacto, indestrutível e inegável. Mas o quanto o tememos! É justamente porque ele perece, apodrece, descama, deseja. Essa organicidade nos sufoca, nos angustia de forma tão avassaladora, que se torna insuportável a idéia de que somos corpo. Podemos criar as mais diversas representações de corpo; podemos lidar com o corpo de diversas formas culturalmente variáveis; podemos ser corpo e alma, corpo e espírito, corpo e mente, corpo real-virtual, corpo que depois se torna uma memória; mas não

podemos ser só corpo, porque corpo é morte.

A filosofia, como o ser humano, parece ter uma ânsia por transcendência. Penso que qualquer filosofia sobre o corpo, mesmo imanentista, já é uma tentativa de superá-lo, porque pensar o corpo já é querer transcendê-lo de alguma maneira.

A filosofia do corpo é uma filosofia marginal, porque não pode ser pensada sem que se recuse a própria subjetividade, que é o que está no centro de nossa filosofia. Mas, como tudo habita as margens, o pensamento sobre o corpo comprime o que o marginalizou. Por isso incomoda, perturba, agita. Pensar o corpo demanda um abandono do “eu”, porque o corpo, pensado como “meu”, se torna um objeto no qual habita a alma, exilando, como fez Descartes, o eu pensante de seu próprio corpo.

Esse abandono momentâneo da subjetividade, para que se possa pensar o corpo, faz com que o corpo não seja “meu” e, sim, “eu”.

Apesar disso, acredito que a filosofia do corpo está longe de ser um naturalismo, no qual o corpo determina a psique ou a mente desaparece, restando apenas conexões neurológicas. O que seria interessante é que se encarasse e se reconhecesse que o ser humano, como existente, disfarça, mascara para si mesmo sua própria corporeidade, sua condição de organismo. E isso acontece justamente porque ter consciência e, ao mesmo tempo, ser um organismo é uma situação por vezes insuportável. Corpo é crise.

INVASÃO-SEDUÇÃO-UTOPIA

no encontro de 2006 pensamos que esses poderiam ser três eixos temáticos interessantes, que se relacionam entre si, inclusive. a página apresentava os três seguintes textos.

Invasão: *s.f. ação de invadir/ irrupção feita num país por uma força militar/ ocupação geral de um lugar: invasão de ratos./ Med. Irrupção de uma epidemia numa região. / Fig. Difusão súbita: invasão das novas idéias./ bras. Ocupação, por pessoas pobres ou de parques recursos, de habitações ou de terras pertencentes ao Estado.*

Tentando dar conta da ambigüidade semântica do termo:

O uso da palavra “invasão” pressupõe algum grau de posse ou pertencimento: alguém tem o que é seu invadido por outro. X invasorx age em âmbitos que não lhe pertencem, e reivindica a si a posse daquela área alheia. É um usurpadorx. Se pensarmos em termos da sociedade capitalista, podemos ver o próprio sistema econômico como invasivo: ele usurpa o que é de propriedade coletiva e vende o que não é seu a alguém que possa pagar mais caro. E esse novo dono é também um invasor. Na outra face da moeda, a ocupação que os despossuídos fazem de terras do governo ou habitações abandonadas pode ser considerada invasiva, e ampliando, podemos dizer que a ação direta de sabotagem ou confronto com o sistema é um método invasivo. Assim a invasão poderia ter uma conotação interessante, no nosso ponto de vista. Podemos apostar no caráter rebelde da invasão, de desrespeito à propriedade e às normas de boa conduta. Invasão como subversão. O problema é que essa visão tende a uma percepção da invasão como personificando o espírito livre, que não se deixa constringer por leis, imposições, etc. personificando a vontade absoluta, o que nos faz cair num problema: a questão do consentimento. A invasão pressupõe o não consentimento e por isso mesmo, algumas de nós duvidam que a invasão possa funcionar mesmo como uma força de ação rebelde interessante. Parece que ela pressupõe hierarquias e um par ativa/passiva, parece que pressupõe

violência. Nesse sentido: ela não é a própria força do sistema? Posso usar as ferramentas do senhor pra desmanchar a casa do senhor? Algumas de nós acreditam que a resistência é a força oposta à invasão e ela sim é uma ferramenta interessante para subversão.

invasão pressupõe uma noção de interno e de externo, evoca os limites do próprio sujeito, tanto espacialmente quanto no âmbito da vontade e do controle: a invasão exclui a possibilidade de escolha daquele que é invadido; se o sujeito acredita que a divisão interno/externo tem a ver com: dentro eu controlo, fora eu não controlo, o que acontece com essa crença depois da invasão? A invasão, sendo inesperada, acontece exatamente num espaço aonde o invadido não controla. Parece que a invasão tem a ver com um sujeito “a” reivindicando o controle do espaço interno de um sujeito “b”... e aí vem a questão da passividade versus atividade, novamente (e a gente não pode parar de pensar no estupro ou no controle dos corpos femininos- e dos nossos espaços internos mesmo- apesar de eu tentar afastar essa visão da análise, mas é difícil). Mas, apesar disso, será que o tal sujeito “b” não pode querer/gostar de ser invadido? Será que isso é tão absurdo assim? A gente pode pensar na invasão como um sacolejo do espaço de confortável de crenças de um sujeito, é uma ação que tira da rotina e da estagnação, que põe em movimento, que gera mudanças... assim a invasão funciona como uma ruptura de uma superfície aparentemente sem fissuras, plácida e homogênea: é a imagem da revolução. E podemos pensar uma revolução não-violenta? Novamente as ferramentas do senhor...

Sedução. Palavra próxima de sedição. Revolta, perturbação da ordem. A proximidade das palavras não está apenas na sua escrita.

Podemos ir às palavras em suas origens (como qualquer origem, inventada): *sec-ductere* (ducere). Seccionar vem de *sec* (se); e significa cortar, interromper, redirecionar. *Ductere* origina os dutos, os canos, os caminhos, as estradas. Uma interessante maneira de pensar a sedução seria o desvio, o descaminho.

A perturbação de um caminho já traçado, previsto, pré-determinado. Algo seduzido é algo descaminhado, que terá que seguir outros cursos, outros caminhos, outras estradas. Neste sentido, sedução é a possibilidade de seguir outros caminhos, outras vias e, quem sabe, ocupar outros espaços. O belo da sedução está no movimento de descaminhar na companhia de outras pessoas. A sedução é um ato não solitário. Ou seduzo alguém ou sou deduzido por alguém – ou por alguma prática, discurso ou instituição. Ser seduzido é ser desencaminhado. É ter saído dos trajetos fixos e prévios onde nada parece poder ser diferente.

Um corpo críptico é um corpo que oscila entre seduzir e ser seduzido. A sedução aqui é causada pela crise/ crítica que o encontro com corpos em sua funcionalidade tem nos causado. Então a sedução que nos interessa aqui é a sedução crítico/crística. Não qualquer descaminho nos interessa, mas um descaminho, um desvio que nos coloque em embate com as normas. Neste contexto, a sedução está aberta pela invasão e ela mesma é invasora. Uma invasão que desencaminhe, que não assegure na certeza confortante o que deve ser feito de nossos corpos. Por outro lado, a sedução é utópica, não por afirmar uma ausência de possibilidade ou apenas uma existência regulativa, mas por conduzir a outros caminhos e usar outros espaços, espaços ainda inexplorados. A idéia é buscar uma sedução que nos permita invadir e ser invadidos utopicamente na criação de espaços para corpos crípticos; buscar uma utopia que nos invada sedutoramente; utopizar a sedução invasora e a invasão sedutora, na busca de novas relações com os corpos, na busca de novas relações com o mundo e com os outros, de novas corporeidades.

Utopias. *Substantivo feminino*
1 *qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade*
2 *Derivação: por extensão de sentido. projeto de natureza irrealizável; idéia generosa, porém impraticável; quimera, fantasia*

e se invadíssemos o lugar que não existe pra ocupá-lo? nós poderíamos montar uma realidade alternativa a essa institucional, engessada, sufocante. mas não só uma realidade paralela: uma realidade concorrente, que desestabilizasse aquela, abrindo rachaduras em suas estruturas maciças.

queremos fazer com que nossa ação e pensamento não sejam um paraíso perdido com o qual sonhamos pra conseguir algum alívio da rotina dura, queremos uma utopia que alimente nossos desejos e fortaleça a disposição de vivermos combativamente.

you às vezes sente que o mito da utopia como paraíso perfeito, intangível e impraticável acaba impossibilitando nossas ações? não parece que aceitar o mito é um passo mais em direção ao abismo do estado de coisas como estão? um suspiro de “se o diferente não tem como, é melhor se contentar com o mesmo...”?

e temos ouvido rumores de que a utopia não é só o diferente, mas que é O MELHOR, o fim dos problemas, a placidez eterna... isso não dá um pouco de tédio? por que estamos tão convencidos de que o ideal é viver sem problemas? por que temos tanto medo do risco, do surpreendente? e por que a resposta imediata ao desespero da realidade é a ilusão do ideal?

então vamos inventar o desafio de transformar o lugar da ilusão num lugar de sonhar-acordada, erguendo uma utopia sólida, ainda que instável e provisória. como podemos enfrentar esse desafio? e como podemos fazê-lo sem ser em nome de uma esperança vindoura, uma recompensa distante?

talvez se fizermos da utopia não o resultado ou destino, mas um caminho... não precisa ser um caminho que leve a algum lugar, e muitas vezes vai ser um caminho que nos faz andar em círculos e nos alheia, mas até isso pode ser bom quando desobriga um pouco nossas ações de um compromisso com o futuro e nos conecta a nossa vida diária, ao que podemos fazer agora pra viver de maneira menos fragmentada e degradante.

Passamos uma madrugada maravilhosa colando cartazes pelas ruas em novembro do ano passado. vamos repetir a dose agora no KK007. Pelo fim do medo, retomando os becos, a noite, os trânsitos livres.

Essa caminhada não é pelo fim da violência urbana. Estamos caminhando na madrugada para questionar por que as mulheres não podem andar à noite nas ruas. Dia 25 de novembro é o dia internacional do combate à violência contra as mulheres, e essa data tem sido visada para pensar a violência doméstica. Além da violência física, nós queremos pensar nas violências simbólicas que restringem nossas possibilidades de andar livremente pelas ruas das cidades.

Não é só o estupro que nos vitimiza. São os olhares invasores que tentam adivinhar o que temos embaixo das roupas, são os sussurros que não entendemos, mas sabemos o que querem dizer, é quando alguém (geralmente um homem) passa a mão em você. Isso nos torna vítimas de um medo constante de transitar, em especial à noite. Não é a escuridão que é perigosa, não são as ruas: perigoso é o sistema é o sistema de dominação que se aproveita da noite para criar um espaço de poder em que alguns homens acham que são donos de

nossos corpos, como acham que são donos das ruas.

Em casa nos trancamos atrás de muros e grades, nas ruas a polícia finge nos proteger; mas os espaços públicos, tanto quanto os privados, são restritos. Se o acesso aos lugares privados é controlado pelo dinheiro, nos espaços públicos ele é controlado por gênero, raça, idade, pela ilusão de segurança de quem se guarda dentro de um automóvel.

Quando se espera que sigamos imóveis, que não questionemos estruturas do poder masculino e silenciamento feminino, que o medo nos corra e nos lembre a todo instante de que estamos transitando por espaços que, para nós, são inseguros; quando tudo isso cai como um peso em nossas existências, andar se torna um ato radical.

Cansamos de ser vítimas desses medos. Queremos que as ruas sejam um espaço livre em que possamos transitar com nossos corpos, nossos desejos, nossos sonhos.

MANIFESTO LUDA

Luda nunca foi,
pois não pensa em ser nada:
Luda não quer ser
e pensa que todas certezas e identidades certas
são espaços autoritários e de exclusão.
Luda não é nem uma coisa nem a outra,
mas, antes mesmo de a fazerem ser,
ela já terá significado muitas coisas.
luda-se!

Luda por ludir, está sempre a caminho de não ser,
transitando nomade por entre as fissuras da normatividade.
Luda não quer jogar, avacalha
e reivindica as fissuras como contra-espacos de voz.

luda-se!
Luda nem mesmo está, Luda foge.
e foge cotidianamente, pois conhece as regras
e as parodia e as desperta.
se você olha, Luda se desfaz,
pois ela é tudo aquilo que não é fronteira:
Luda é um desvio gritante.

luda-se!
Luda um dia já guardou seu inconformismo,
mas não aprendeu a se acostumar,
pois não acredita no quietismo de pensar e se esconder.
Luda está sempre a beira de não fazer sentido
mas rejeita a loucura de separar vida e provocação,
fazendo do dia um distúrbio anti-sedativo.

luda-se!
Luda ri.
Luda pensa que brincar é a melhor subversão,
e faz cócegas na violência.
Luda não é um sacrifício:
Luda é lúdica.
Luda reluta em ser contável,
e não tem casa, cabeça nem membros.
Luda é antes um corpo desorganizado
e sempre em crise,
Luda é o último estado de humor do capitalismo.

SER E GUERRA



feminismo e filosofia (ou também do ser às guerras)

ser! pra mim, significa muito pouco hoje em dia... me preocupa quem anda definindo quem pode! ser qualquer coisa com limites (im)postos... não acredito em limites propriamente de dentro (pois talvez nem existiriam palavras para os tais), e os de fora certamente em algum momento, mesmo que nem lembremos, foram ancorados de forma agressiva... talvez experiências nem precisassem de tantos nomes e ao invés, entre "dentros" e "foras" de convenções negociadas, olhássemos pra outro lado, as fronteiras poderiam sumir em piscares de olhos...

estou sendo ingênua de propósito, a linguagem precisa de algum limite pra operar com sentido (algum), assim como a humanidade precisa de certezas... só acho que não precisa ser tão sofrido (ou obrigatório, fixo...), para só então poder ser! sem O propósito de ser às custas de um outro (geralmente uma outra!) ser menos... o problema talvez seja que "o problema" começa muito cedo e as possibilidades de escolha envolve muitos dedos (pra não falar em punhos, revolveres...) apontados... em direção a certas marcas selecionadas como as que importam (que só deus, ou a natureza, ou qualquer outra entidade normativa abstrata que serve de apoio em questões de contingências que "não podem ser diferentes"! poderia explicar).

...uma miniatura humana, desprotegida e redonda, logo ao surgir já está inserida em um jogo de signos, estando de uma vez por todas eleitas as partes de seu corpo que serão escondidas por ser mais importantes (e vice versa). importantes não somente pra produzir mais miniaturas redondas e desprotegidas, mas, por incrível que poderia parecer (se não tivéssemos passado também pelo momento traumático de ter sido um dia miniaturas redondas e desprotegidas que já tinham nomes antes mesmo de surgir), as mesmas partes já eleitas, serão fundamentais pra qualquer coisa que venha a ser, estar, sentir, gesticular, (per)formar, produzir, (até que) enfim, existir...

isso pode querer dizer que, é muito difícil ser! principalmente, impassível a questionamentos tais que apelam (e descolam, desmontam...) ao íntimo de qualquer ser, que já tenha passado por o estágio de miniatura, que foi obrigada a se sentir "protegida" nesses termos, não acordados... mais difícil ainda talvez seja... não ser! (o pacote, de nomes associados, comportamentos exigidos, frases e sexos pré-moldados, acompanhados de pudores).

a propósito... por que proteção precisa de fronteiras? ou por que precisa(mos) de proteção? quem esta ficando de fora (sempre tem alguém, caso contrário, as fronteiras somem)? por que temos tantos temores, e guerras?



BALLECKET

A estréia mundial do Balleckett aconteceu no dia 15 de novembro de 2006, com a contribuição de Godariush Sokolovely. Tocava o Silente na festa Oaxaca Libre! em plena flor punk da palavra. Quanto amor, e surge uma explosão de peles se agitando no ar.

MANIFESTO PELO BALLECKETT

Ballet é o corpo. Beckett é a alma. Balleckett é a condição humana com os cotovelos e joelhos em movimento. Somos todas inacabadas; somos todas nem começadas – nos tornamos todas beckettescas. Ballet é a alma. Beckett é a virilha. O ponto de partida de muitas felicidades humanas é uma conversa. O ponto de partida da conversa é uma substância beckettessa que existe em cada gengiva, em cada clavícula e em cada calcanhar. Ballet é calcanhar. Entre o plágio e a referência existem apenas três pétalas de diferença. Vamos condenar a uns poucos anos de trabalhos forçados disfarçados estas pétalas que tremem. Nunca temos coragem de copiar assinando o próprio nome. Nós, balleckettentes, trememos mais que as pétalas, somos varas verdes. Não assinamos o próprio nome em parte alguma. Assinamos o nome dos outros. Vamos condenar a uns poucos anos de improvisação as pernas que tremem: estamos dispostas a quase tudo pela construção de um mundo que seja 97% feito de água, fogo, terra, ar e aquela coisa macia com a qual se fazem entrelinhas dos textos de Beckett. Por isto nos juntamos pelos poros do sol, exigimos a abolição do capitalismo às 8 da noite de amanhã, instauramos o inferno do caos para substituir o inferno da ordem e ficamos a cada dia mais convencidas das seguintes noções:

1. A falta de uma coreografia minuciosa é bastante inconveniente. Mas pode se tornar um bem.
2. A falta da falta de uma coreografia minuciosa é um mal. Mas pode se tornar um bem também.
3. Aquilo que já foi perdido, já foi perdido. Aquele movimento involuntário que fez o queixo, o tornozelo ou a carótida, já esteve solto para quem quiser assistir.
4. Mesmo sem tempo para besteiras, temos alguns minutos para beckettairas.
5. Existem duas poções de necessidades impostas pelas forças da existência: a

poção das necessidades que temos e a poção das necessidades que temos de termos necessidades.

6. A intuição nos faz fazer bem umas loucuras. Ela nos faz bem escapar de umas loucuras.
7. Que podemos dizer da vida que nunca foi dito? Muitas coisas. Por exemplo, que ela nem sempre é um gomo solitário de bergamota madura. Se nós fossemos bailacketterinas confundiríamos todos os princípios com os meios e esqueceríamos os fins. Assim como somos, tenham paciência. Nossos joelhos são nossos cotovelos, nossas rugas são nossas pernas, nossas cópias piratas de palavras de Beckett são nossas sapatilhas de ponta. Não queremos nada a não ser sacudir todos os átomos que sustentam a sensatez estabelecida. Não queremos nada a não ser explodir todas as células dos pensamentos prontos. Não queremos culpar a razão por nada, mas ela vai ter que se comportar por que nós não vamos nos comportar por ela: dançamos a suspeita vaga e indolente de que não tem tanto sentido ter sentido. Improvisem provisoriamente: não adiem para o momento certo – o momento certo é o momento errado – queiram. Deixem para as estrelas e para os cometas as luzes apagadas e pelas trilhas onde já passaram as formigas pisem com a ponta dos umbigos. Improvisem tudo. Corpo é alma. Ballet é Beckett. Soltem estes grillhões coreografados. Ninguém nunca fez mais do que bailar becketts disfarçados. Arranquem os disfarces e, logo em seguida, saiam do chão com um plié ou um elevê ou um camier ou um mercier.

Queremos os gestos puros ao invés dos gestos ratos, apinhados de ninharias. Queremos os gestos desordenados, despedaçados, despreparados, desmiolados, desintegrados, dissimulados,

desconectados e, de preferência, desabilitados. Não há limite para a improvisação, nem nas mãos, nem a coluna dorsal te conta que debes calar os pássaros e escutar a voz do noticiário na televisão. Não preste atenção – finja. Não finja – finja que finges. Queremos os gestos que não caberiam em nenhuma pista de dança, em nenhum palco de dança, em nenhuma dança. Queremos dançar os gestos que jogamos fora – só porque eles não prestam para nada.

O movimento que não presta – um resquício de alguma outra coisa que se solta do corpo quando estamos ocupados fazendo algum gesto bem-intencionado, planejado, mal-intencionado, calejado. Balleckett é a dança que escapa quando ninguém está olhando – e nós queremos virar os nossos próprios olhos para o outro lado para deixar esta dança dançar (ou, pelo menos, balançar). Acreditamos que não se solta a beckettada acumulada em nossas juntas por anos e anos de orquestrações coreográficas só abrindo uma janela ou cavando um túnel por baixo do muro: talvez precisássemos de cuidadosas escavadeiras serialistas para soltar umas camadas de becketts sem órgãos de dentro de nosso foro íntimo. Uma série de doze movimentos, de doze intenções, de doze objetivos, de doze estados de ser, de doze circunstâncias armadas em série para acabar com as coreografias-ato-falho, com as coreografias-corpos-dóceis, com as coreografias-almas-doces e com as coreografias-polegares-amargos e começar a fazer gestos com pouca eira e nenhuma beira. Ballet é plástico voando ao vento, Beckett é lesma a esmo. Balleckett é a reciclagem do lixo da alma em latas de quatro cores diferentes. Vamos dançar na ponta do superego – sapatilha dele.

BALLECKET KK007

o contato, feito apenas pelo contato, é a mais erótico de todos os nossos passos e o erótico é a nutrição tanto quanto a parteira de todo o nosso mais profundo conhecimento. Mais Ou Menos Audre Lorde

A proposta: cada balleketterin@ vai seguir seus desejos por corpos e partes de corpos de outr@s balleketterin@s apenas pela duração do desejo em fuga. Os passos vão ser orientados apenas pelos desejos ativos naquele momento (e não pelo que os balleketterin@s estão acostumados a desejar, nem pelo que

já desejaram e nem pelo que vão desejar). Os passos então vão se encaminhar para um contato com partes dos corpos d@s balleketterin@s. Nenhuma peça de roupa pode ser retirada - a não ser pel@ própri@ balleketterin@ que a estiver vestindo.

O objetivo: Serve para fazer coreografias não pré-moldadas com os desejos em fuga das pessoas. Assim, isto se insere no balaio de gatos que queremos chamar de desmasculinização dos homens e do que poderíamos chamar de deheterização de tod@s. Se o objetivo precisar de uma inspiração vaga podemos pensar no contato apenas pelo contato - não como plano de movimento, nem como objetivo de ação: soltar os corpos, soltar os desejos das ditaduras das credenciais.

O contexto: Os corpos - além de máquinas de trabalhar, de gozar, de ocupar espaço - são enormes válvulas de escape ou pontos de fuga dos roteiros prontos. Já que os corpos estão em crise, que tal desejar pé ante pé?



MANIFESTO PorNós

não queremos um espaço de representação do sexo que objetifique as mulheres.

não acreditamos que a simples exposição do sexo seja revolucionária por si só.

não acreditamos que exista um sexo natural que deva ser liberto das amarras puritanas da sociedade.

não acreditamos que exista neutralidade num discurso pornográfico.

sabemos sob a ótica de quem a pornografia tem sido feita, sabemos quem controla os meios de produção, sabemos quem forma o público alvo, sabemos o que querem.

sabemos que o capital paira sobre a pornografia dizendo quais desejos são vendáveis e quais não.

sabemos que o discurso de liberação sexual tem sido pra que liberemos nossos corpos pra um prazer muitas vezes alheio.

não queremos engolir o desejo vendável que as empresas querem nos vender. não nos convence o argumento de que a face educativa da pornografia é interessante.

não queremos uma pornografia invasiva que erotiza o poder e os lugares de oprimidx e opressorx, muito menos a que inverte esses papéis de maneira sinteticamente contestadora.

não nos convence o argumento de que a face educativa da pornografia é interessante;

acreditamos que é essa face que confina nossos desejos em padrões universalizados e sintéticos.

queremos uma pornografia que seja faça-você-mesma, que não se obrigue por relações de mercado.

queremos uma pornografia que represente a nós, mulheres, em situação de sujeito.

queremos uma pornografia que mostre corpos e desejos diferentes, fora do padrão, mas que não os erotize pela via do bizarro.

queremos fazer nossa própria prática pornográfica, libertada, particular, intimista, que não se pretenda universal e não seja conclusiva.

e é isso que faremos aqui!

PorNós KK007

PorNós é uma idéia. uma idéia que pratica sexualidades. uma idéia que escolhe a representação de corpos e sexualidades como um espaço de liberdade e prazer e mutualidade. a pornografia é um lugar interessante quanto menos ecoar a hegemonia, o patriarcado, a violência e os estereótipos.

PORNografia se faz mostrando processos, explicitando tensões sociais, erotizando vulnerabilidades, desmascarando medos estereotipadores, circulando desejos.

nossas sexualidades se recusam a mais do mesmo. nossos corpos se ultrajam com idealizações que separam nosso sexual de nossa vida. nossos orgasmos não fazem mais questão de ser o objetivo final, e nem de serem espalhados nos rostos-rosados-para-as-câmeras.

essa PORNografia quer ser mais excitante e menos previsível. não queremos dar um fastforward nos diálogos porque o que interessa mesmo são as penetrações. queremos sentir que também nas conversas sentimos nossas calcinhas

molharem e nossas rolas endurecerem. queremos ver na PORNografia de que maneira cus podem ser melhor lubrificados e queremos ver cenas em que as camisinhas não sejam uma interrupção desgracenta do 'clima'. queremos ver pessoas trepando gostoso de camisinha porque é isso que a gente vai fazer quando formos para as ruas (ou para os becos, ou para os motéis).

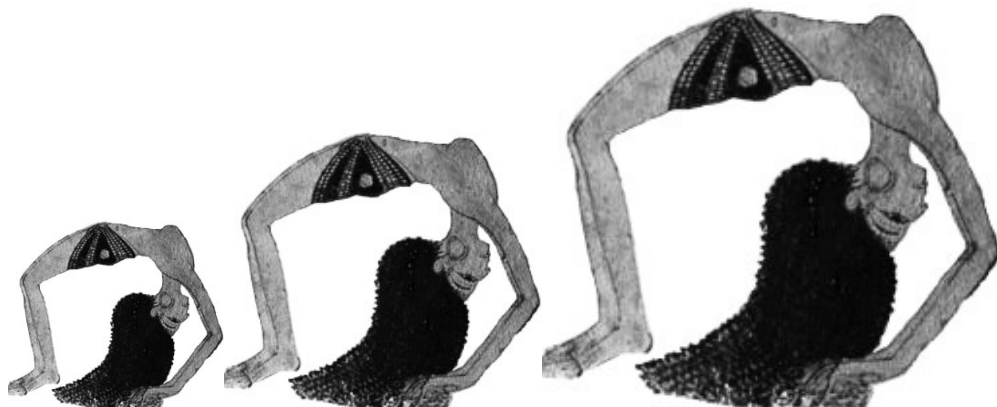
queremos ver mais atenção à lubrificação das vaginas. queremos ver mais paus moles, ou meio-moles, ou ficando duros e depois moles e depois duros de novo. queremos mais atenção aos mamilos, às barrigas e aos pescoços. queremos fricções nas virilhas e massagens nos cabelos. queremos ver corpos outros, mas que não sejam um subgênero da categoria. cansamos de 'gordinhos sapecas', 'mulatas safadas' e 'coroas insaciáveis'.

queremos ouvir que, quando trepam, as pessoas perguntam coisas umas às outras. que elas dizem o que preferem, como preferem, o que não querem, o que adoram. não acreditamos na mentirinha de que 'rola naturalmente'. não aceitamos a idéia de que há O jeito de se fazer as coisas.

queremos ver cenas em que uma mulher muda de idéia e decide não trepar naquela noite, com aquele cara, daquele jeito. ela sai do quarto e ele não vai atrás dela para bater ou estuprar. ele lida com isso na frente das câmeras. queremos ver uma trepa gay ofegante em que nem um nem outro precise ser o rolidão. queremos ver um homem que não consiga ficar duro, e desencane. queremos ver duas mulheres sem que a câmera seja o 'complemento'. queremos ver uma chupando a buceta da outra de pertinho, para que saibamos onde ficam os clitóris. queremos ver pessoas com unhas lixadas, para que não cortem os cus e vaginas.

queremos ver uma PORNografia do dia seguinte. queremos ver pessoas lidando com o pós-gozo. indo fazer café e conversando sobre o que foi bom e o que não foi (mesmo que uma não saiba o nome da outra).

queremos mais NÓS na pornografia (porque ela não é feita só de cabelos lisos).



Tapetes mágicos para a construção de um espaço livre onde mulheres e meninas e transgêneros femininos possam se sentir à vontade para pornografar.

um espaço de criação, alegria, humor e solidariedade onde o mais importante seja o contato com nossos desejos. um espaço também de questionamentos, de dúvidas, de trocas de conhecimento sobre a diversidade de nossos corpos e sentimentos em relação a eles. um espaço onde qualquer coisa possa acontecer ou deixar de acontecer. onde pessoas possam se conhecer melhor, examinar vaginas, escrever textos, tirar fotografias, filmar cenas, desenhar a amiga.

pensamos em dois eixos (pelo menos) que tocam em questões interessantes:

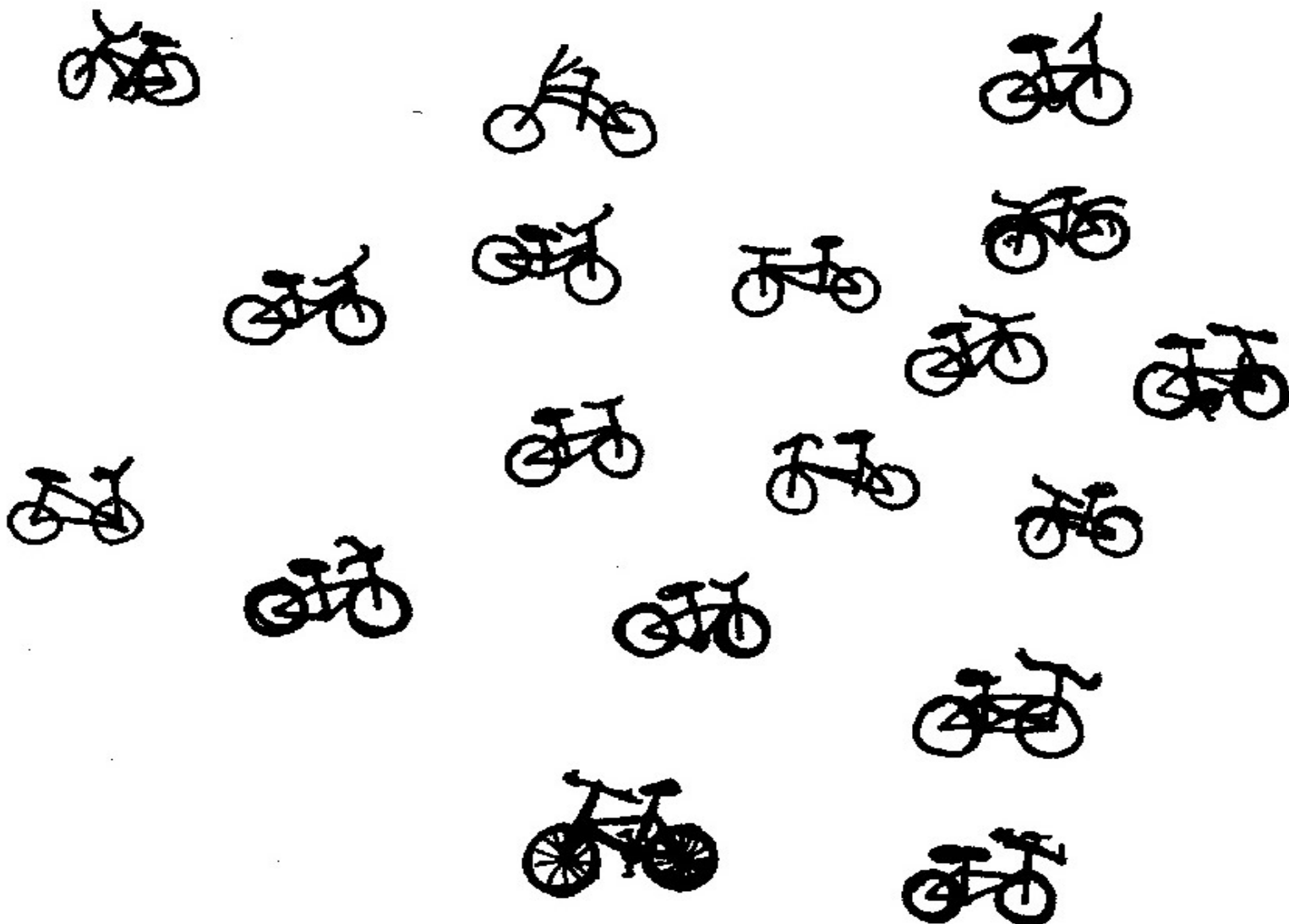
fluxo e refluxo

essa seria uma oficina fechada para garotas (ou demais pessoas com vagina) de ginecologia e saúde faça-você-mesma. baseadas em alguns livros e zines, a idéia é conversarmos num espírito de aprendizagem coletiva e troca de informações e experiências. diversidades vaginais, funcionamentos reprodutivos, ciclos menstruais, absorventes alternativos, doenças e infecções dst, tratamentos naturais, zonas erógenas e fantasias sexuais.

feminismo e prazer

seguindo o fluxo da conversa anterior, uma conversa e prática do prazer feminista. de como nossos corpos urgem por deleite, mas se preservam de relações opressoras. sexualidades feministas. experimentações contra-hegemônicas do prazer. o prazer feminista de pensar as contradições do sistema de gênero de maneira bem-humorada.

em uma continuação (?) da conversa sobre culpa no corpuscrisis2006, a idéia de um feminismo do prazer e da alegria. da leveza de uma sororidade firme.



Falar de desmasculinização supõe também um processo de masculinização. Pensar em masculinização indica que a masculinidade não é um fato natural, isto é, não se é um homem por natureza. Simone de Beauvoir dizia: “Não se nasce uma mulher, torna-se uma”. O mesmo podemos dizer sobre homens: não se nasce assim: torna-se um. E esse processo de tornar-se homem acontece durante toda a vida.

Esse processo indica que isso que se é quando se diz “eu sou um homem”, ou “minha masculinidade de homem”, etc., está fazendo referência a um conjunto de fatos em nossa história que fazem com que nos identifiquemos como homens. E que características teria esse homem? Do que exatamente devemos nos livrar em uma proposta de desmasculinização?

Ser homem envolve muitas coisas para além de ter um pênis. Aliás, é muito provável que tenhamos um pênis por ser homens e não que sejamos homens porque tenhamos pênis. Talvez, então, não seja o pênis a coisa mais fundamental da experiência da masculinidade. O processo de masculinização nos obriga a estabelecer uma série de relações, que são múltiplas e complexas.

Pensemos em algumas, nos orientando por um eixo triplo: relações com o mundo, relações com as outras pessoas e relações conosco mesmos. No caso específico dos processos de masculinização esses dois primeiros eixos quase não se separam. Talvez possamos dizer que no caso dos processos de masculinização, as relações com outras pessoas e as relações com as coisas não são muito diferentes. Mantemos, enquanto partícipes do processo de masculinização, uma relação com os outros e outras como se fossem coisas quaisquer do mundo. A tendência mais forte é tornar tudo objeto, pois aprendemos que ser homem, que se masculinizar é ser sujeito do mundo. E uma das maneiras de estabelecer com o mundo uma relação de sujeito, é tornar as coisas (e aqui entram as outras pessoas) objetos. Ou seja, com as coisas do mundo e com as outras pessoas, mantemos relações de sujeito-objeto, onde o masculino se

constitui, vertendo tudo o que não é (masculino) em objeto.

A questão mais forte que aparece nesse primeiro aspecto (duplo) do eixo triplo é que nem todas as pessoas são vertidas em objetos o tempo todo. Parece que nos acostumamos a objetificar as pessoas em determinadas circunstâncias e não todas as pessoas. O tipo de pessoa que costumamos objetificar em nossos processos de masculinização são as pessoas que binariamente (e em oposição ao masculino normativo do processo de masculinização) não são homens; isto é, as pessoas que identificamos com o feminino.

Talvez uma das primeiras coisas que devemos fazer, ao nos desmasculinizar seja pensar em outras maneiras não objetificadoras de relação com as outras pessoas e com o mundo. Talvez se, por alguns momentos, experimentássemos a possibilidade de que as outras pessoas e o mundo não estivessem a nosso alcance, a nossa disposição como objetos quem sabe pudéssemos inventar novas relações não objetificantes.

O segundo aspecto do eixo triplo que propusemos é também duplo. A relação conosco mesmos, que estabelecemos durante nossa masculinização também é dupla. Esse nós, esse masculino apresentável, nunca é apenas aquilo que cada um de nós, enquanto homem, a cada vez é. Esse masculino é um continuum abstrato que habita a cada um de nós, enquanto homens, mas que também habita todas as pessoas que identificamos como masculinas. Nesse sentido, nossa relação conosco mesmos, enquanto homens, passa pela relação com todas as pessoas identificadas com o masculino. Ai está um dos motivos pelo qual não é apenas para si mesmo que temos que nos mostrar homens, mas para outros masculinos em jogo. Para ser homens, precisamos do reconhecimento de outras pessoas em masculinização. A masculinidade é sempre homosubjetiva. A masculinidade é, neste sentido, uma relação. Uma relação entre homens.

Só que essa relação não é uma relação qualquer. É uma relação que, ainda

nela, sustenta o primeiro aspecto duplo do eixo triplo: a objetificação. A relação homosubjetiva entre os masculinos passa pela recusa do que de feminino possa haver entre eles. Historicamente, pensamos algumas coisas como masculinas e outras como femininas. Muito dos afetos são considerados femininos. E muitas das demonstrações de afetos são rechaçadas entre homens em suas masculinizações por isso ferir o aspecto de sujeito. Apenas os aspectos ligados historicamente como masculinos são permitidos. Abraços, afagos, encontros emocionados, regados a lágrimas que se dão em comemoração à vitória do mengão no Maracanã são totalmente aceitos. E acolhidos muito bem entre esses iguais que ali estão. Mas se os mesmos gestos acontecessem em uma praça de shopping ou na frente de uma escola, onde não se tivesse forte a referência do futebol possivelmente provocaríamos um incômodo.

Neste contexto, os corpos das outras pessoas masculinizadas aparecem como uma espécie de interdito dos afetos. Pensemos no seguinte caso: dois homens desconhecidos. Vestidos, devidamente vestidos; sem intuito sexual. Esses dois desconhecidos resolvem por alguma razão não conhecida passar as mãos cuidadosamente pelo rosto um do outro, sentindo os contornos, as texturas, o calor. Nada disso teria necessariamente um caráter erótico. O quanto de incômodo (a ambos os desconhecidos e aos outros) isso provocaria se feito em público? O quanto de incômodo provocaria se fosse feito entre dois desconhecidos em um lugar não observável pelos olhos públicos?

Talvez uma outra maneira interessante de buscar a desmasculinização seja enfrentar nossos próprios olhares sobre nós mesmos, sobre como demonstramos afetos não objetificadores e como não apenas encontramos espaços afetivos de legitimação da relação com outros.

Quem sabe a masculinidade seja um conjunto de relações de força, onde precisemos de um espaço onde outros masculinizados estejam nos legitimando e onde as relações

de sujeição/objetificação estejam presentes com toda a força. Quem sabe o erotismo típico do masculino seja um erotismo objetificador e tenhamos uma tarefa de reinventar o erotismo para que esse Eros não seja tão aprisionador. Talvez o processo de masculinização seja um movimento de negar qualquer tipo de afeto que fuja do controle do reconhecimento dos outros masculinos que podem ocupar os lugares de sujeito. Talvez um desafio seja afirmar nossos afetos de forma que um Eros novo, um Eros renascido, um Eros que seja uma aproximação entre vários sujeitos e não um encontro entre sujeitos e objetos surja.

Pensemos, pois, outros traços das masculinidades, pensemos outras formas de sermos seres humanos e outras maneiras de sermos diferentes do que somos.

1.

Existir é diferir

mesmo assim constituído
meu corpo degrada o poder
meu corpo desagrada o poder
meu corpo desgruda do poder
meu corpo desgraça o poder
meu corpo desgrenha o poder
meu corpo deglute o poder

eu continuo comendo meus tomates com azeite

2.

sou uma partícula
de excesso solta logo nem
tenho cabimento

3.

i bless blindly any bliss
the bliss bends and blends
into blessing
blessings are never barely binding

4.

entrega louca para qual toda espera é pouca

ela não está toda
está a toda
Lacan

as mulheres desejam furiosas
as mulheres cruéis que são generosas
égua é para ser montada
cavala pra sair em disparada

5.

gosto das coisas manifestas

nem quero das coisas prontas
as caras de horizontes emparedados
de quem esbarra em assuntos encerrados.

que saia o que alguém já pôs
para que fique depois
não quero ser prato que fica posto
e recebe feito o baião-de-dois

quero ser batedeira.

quebrem, quebrem, quebrem os grãos de terra,
as luas, as estrelas com pontas prontas – gritem
e façam manifestos e esqueçam-nos
transpiração é conspiração
e o chão, o chão voa e vira poeira
não finca firme na terra, vira cascata

quero ser o desfiladeiro.

queiram fazer orgasmo onde a pele toda enruga
tigela de água por entre os mananciais
quero me tornar uma fábula sem começo
não quero ser tapete quero a tremedeira.

corpus crisis – Cornucópia Com Corruptelas

Em um poema, uma única personagem pode mudar o mundo.

Uma definição de poesia: jardins imaginários com plantas reais dentro.
Uma definição de poesia: jardins imaginários com sapos reais dentro.
Uma definição de poesia: jardins imaginários com oxigênios reais dentro.
Uma definição de poesia: jardins imaginários com pessoas reais dentro.

Uma definição de desejo: carne virada em palavra.

Eu desejo você. No meu desenho, o chão que eu desenhei sustenta a casa que eu desenhei. Você quer sustentar minha casa? Quem sustenta meu desejo? Quem sustenta teu desejo? Quem sustenta quem sustenta teu desejo? Quem deseja teu sustento? Quem sustenta teu sustento? Quem deseja teu desejo?

Um sussurro será ouvido onde havia uma casa que foi destruída.

Tenho um corpo. Tenho um cheiro. Tenho minha carne. Ninguém pode forçar o coração. Teu corpo é tua carne. Tua carne é tua alma. Tua carne é tua casa. Ninguém pode forçar o coração.
Escuta o sussurro. Há um cheiro de enxofre no ar. Segura a tua carne com a tua carne. Segura a minha carne com a tua carne. Há um cheiro de enxofre no ar. Estão murmurando que teu desatino pode fazer uma visita. Ninguém pode forçar o coração. Minha casa é o teu corpo. Escute os sussurros. Não é o que você vê, é o que você quer ver e não consegue. Não é o que você teme, é o que você arrisca.

Teu desatino vem fazer uma visita. Você quer fazer um contrato com ele. Teu desatino é teu, mas não te faz companhia. Você quer que ele fique. Fica um sussurro no ar. Quanto vale teu corpo?

Minha mão direita, com toda a palma, tocou na gordura que parece músculo em volta do umbigo, na barriga da Lívia que era Fernanda e que na verdade dizia que se chamava Nicole. A mão de mais um homem na barriga de mais uma mulher. Uma mão, minha mão. Eu disse a Lívia que aquela era uma parte gostosa do corpo dela. Fernanda disse que era gordura, não era músculo. Mas Nicole agradeceu: eu gosto de ouvir que eu sou bonita. Minha mão direita, com toda a palma, tocou na gordura que parece músculo em volta do umbigo, na barriga da Lívia que era Fernanda e que na verdade dizia que se chamava Nicole. Minha mão direita; enquanto eu conversava sobre se as mulheres gostam de sexo. Minha mão direita, os dedos em torno do umbigo dela. Minha mão direita, com toda a palma, tocou na gordura que parece músculo em volta do umbigo, na barriga da Lívia que era Fernanda e que na verdade dizia que se chamava Nicole. Tocou, por cem reais.

Não desejo o corpo da Lívia, não desejo o corpo da Fernanda, não desejo o corpo da Nicole. E desejo corpos, e corpos que temem e arriscam. Sinto o cheiro de enxofre no ar. Não desejo o corpo da Lívia, não desejo o corpo da Fernanda, não desejo o corpo da Nicole. Apenas toquei na barriga pelada dela. Toquei, por cem reais.

Quanto vale teu corpo? Um diamante? Um coração? Quanto vale teu diamante? Um coração? Um corpo? Quanto vale teu coração? Estou com frio.

Corpos são palanques. Palanques com cheiro. Quem sustenta teu sustento? Eu desejo você. Há plantas reais dentro do jardim imaginado. Há um cheiro de enxofre. Aqui havia uma casa, e ela foi destruída. Tenho um corpo. Você quer sustentar minha casa?

Meu corpo é minha política. Meu corpo é tua política?
Teu corpo é tua alma. Teu corpo é minha alma? Ninguém pode forçar um coração.
Teu corpo é a tua cara.
Fica um sussurro no ar.



DORME NA CAMA ACORDA NA LAMA . O FEMINISMO ACABOU?

tenho lido/ouvido/falado bastante com amigas sobre violência sexual, física y simbólica, praticada contra mulheres em cenas libertárias.

violência sexual, assédio e estupro são temas que marcaram minha vida, e a de muitas amigas. a quase totalidade de mulheres que conheço não só passou por experiências sexuais indesejadas como teve a descoberta de sua sexualidade inaugurada por algum tipo de violação física (que quase sempre deixou resquícios traumáticos ao longo de nossas vidas).

essas ocorrências são tão usuais e frequentes que fico espantada quando conheço alguém que não passou, por exemplo, por abuso na infância. e acho muito legal que possamos contar umas com as outras pra criar espaços seguros em que podemos, pelo menos, conversar sobre isso - nos fortalece, ajuda a dizer "não", nos ajuda a localizar ou expressar nossa raiva, uma certa vergonha e o medo que temos quando não conseguimos dizer esse não, quando nosso não é ignorado.

(recentemente tenho pensado mais sobre isso, sobre o cara que, do outro lado - quando esse lado não é "em cima de você -, não é um cara genérico, um desconhecido que passa por você na rua e se sente no direito de fazer isso ou aquilo com seu corpo, ou com o corpo dele, de maneira a te intimidar, agredir, abusar. não é o estupro sem nome, o que passa rápido por você na rua e passa a mão na sua bunda, o que, de dentro do carro, te chama disso ou daquilo. estou pensando no cara que tem um nome, que sai com a gente, que é amigo de outras amigas, que é militante ou toca numa banda. um 'brother', não um agressor. e mesmo assim é ele que se aproveita de quando você tá bêbada, ou cansada, ou de saia - entendendo isso como um sinal de que você quer trepar com ele, não importando o que você diga -. como é que esse cara consegue fazer isso com a gente e simplesmente continuar sua rotina no dia seguinte? como ele vai pra um ato, pra uma gig, pra uma reunião de coletivo, ou vai tomar uma cerveja e, no buteco, comenta com outros amigos

(ou algumas amigas) sobre a noitada de ontem, depois de ter estuproado alguém?

como ele consegue tirar a roupa de uma pessoa que ficou pra dormir na casa dele porque tava muito cansada ou bêbada (e agora pode estar acordada e chorando) e porque confia nele, de alguma forma, e penetrá-la contra sua vontade, passar a mão nela, imobilizá-la, ignorar seus gritos ou apelos ou pedidos?

fico lembrando de quando as meninas íamos de saia pra ver umas bandas e não só estávamos sujeitas a dedadas (no mínimo), como também poderíamos ser 'xingadas' de promíscuas ("vadia", "galinha", "puta", "piranha", "já comi") porque estávamos lá com aquelas roupas. o problema sempre somos nós e nossas roupas. nós e nossos corpos. eles é que são óbvios e ficam marcados.

não é óbvio que tal cara seja um estuproador. ninguém se refere a ele como "o fulano que embebeda as minas e estupra elas depois". muito em parte porque 1) além da mina e do cara, poucas pessoas vão saber disso e 2) isso nem é considerado estupro por muitos caras. é como se fosse a punição por estarmos de saia dormindo/bêbadas/cansadas/ali. no caso das meninas que gostam de beber essa punição é ainda mais exemplar, ela tem ares de castigo mesmo, já ouvi dois relatos de ocasiões diferentes sobre festas em que meninas bebiam, desmaiavam de bêbadas e eram SISTEMATICAMENTE ESTUPRADAS POR VÁRIOS CARAS. como se beber até cair, no caso das mulheres, fosse um convite explícito aos caras pra que façam fila e metam na gente enquanto estamos desacordadas, e depois ainda fiquem nos chamando de piranha pelas costas, com um ar de "ela mereceu".

fico muito tempo pensando em como eles conversam sobre isso. se não sentem constrangimento nenhum. como nós temos nossas redes formais/informais/implícitas/explicitas de solidariedade feminina, eles terão espaços pra conversarem sobre esse tipo de coisa? eles conseguem conversar com alguém sem acoplar um ar de conquista sexual à coisa? eles dizem "fiz uma merda ontem"?

porque não é de um cara tosco que estou falando, é de um que não toma refrigerante porque boicota multinacional, é um militante de uma luta por mundos em que caibam outros mundos, um cara que faz escolhas políticas bacanas. como ele lida com essa separação entre o que é privado e o que é público? por que caras que são legais em diversas instâncias continuam capazes de reproduzir os papéis mais cruéis do patriarcado? ...

e esse tanto de reflexão me traz de volta ao segundo título do texto)

tenho visto (e sentido também) o cansaço de muitas feministas (ou mulheres que militam contra o patriarcado mas acham o rótulo "feminista" inadequado). às vezes não temos mais disposição pra sermos chamadas de "radical" o tempo todo. "chatas", "loucas", "exageradas". e nos cansamos de ignorar certas piadas, comentários e olhares em nome de uma convivência ok com algumas pessoas. isso significa que o feminismo acabou? está ultrapassado? é admissível que uma cena que se diga libertária tenha espaços pra violência e abuso baseadas em uma idéia de que alguns corpos estão a serviço de outros? por que os discursos de liberação sexual não são acompanhados por práticas de libertação de papéis e comportamentos limitantes, exploradores, hierarquizantes, colonizadores?

ainda estou tentando lidar com meu próprio cansaço. e esse texto é isso mesmo, um amontoado de perguntas que não consigo responder.

GUERRILHA FEMINISTA

o que diabo a gente faz com um estuproador, por exemplo? aumentar as penas cada vez mais adianta? qual é a real eficácia disso? que tipo de punição seria interessante? medidas socio-educativas adiantam ou são mais interessantes?

Sobre essa pergunta: o feminismo acabou? Eu espero que não, claro.

E sobre esse cansaço de ser chamada de radical, não sei, sempre fico pensando no que significa essa 'radicalidade, essa convivência ok com algumas pessoas... Oque ela significa em termos relacionais/

ideológicos mesmo e como isso aparece...- que tipo de política do cotidiano é essa reconhecida como radical?

Pelo que voce fala aparece como um comentário necessariamente negativo associado ao exagero, histeria, etc etc etc. Isso é claro é o comentário do outro, do de fora, que eu como feminista posso concordar ou não. Posso colar ou não nesse comentário. Posso ficar cansada ou não.

Tb não estou apontando nenhuma resposta, mas acho que tem muita coisa a gente problematizada nessa batalha com o machismo. Até que ponto a gente se identifica mesmo com a histeria ou com o exagero, ou ainda, será que a gente se identifica mesmo ou é só um cansaço que vem da rejeição?

Nesse segundo ponto: o que a gente faz com o estuproador? Acho que a gente prende, pune, é claro.

Só que essa medida do sistema penal significa repressão e punição desse desejo. Porque o estuproador é um cara que deseja violentar alguém certo? E é também um cara que tem uma história de vida social, cultural e psicológica que levou a isso... porque, é claro, a gente não concebe que ele tem uma genética 'da maldade' nem do 'machismo' que fez ele fazer isso..rs.

Eu acho que tem ser punido mesmo. Ele, individualmente, sim. Mas, não dá pra ser só isso. Isso é um problema do sistema penal inteiro, das formas de punição individual, para um crime que é certo sentido coletivo, sustentado por uma cultura machista, por uma família que foi machista, por uma história de vida marcado por uma maneira machista de resolução de problemas.

Todo o sistem penal esta baseado no vigiar, punir (e excluir). E aí é um problemão mesmo.

Não sei se acredito em só soluções massivas. Colocar um bando de medidas socio-educativas e achar que resolve tb, porque o cara tb pode encarar isso só como uma punição. Mas, acho que ajuda, que é melhor, claro, que ficar só preso. E pode ser que ajude e não adiante em nada. Tem algo ali na relação entre ele e a mulher que tem ser problematizado pra ele.

Das soluções massivas, que não as individuais, que é ajudar mesmo na produção de uma cultura não machista, prá daqui sei lá a anos, ver isso diminuído.. nao sei.

como se criam e se relacionam esses conceitos? qual o limite entre um e outro (se é que existe)? que tipo de relação se constrói em cima dessa diferenciação?

proposta: pensar em cenas do cotidiano e fazer disso um exercício de política.

Todo mundo já viu um doido na rua. E quase todo mundo já 'correu' de um doido na rua, porque afinal de contas, o que é um doido, é uma pessoa descontrolada que pode te bater a qualquer momento, certo?

Então, quase todo mundo já teve essa experiência da loucura, de ficar com medo, sentir-se intimidada ou, então, até parou prá escutar um pouco aquela fala que dessa vez parecia inofensiva, quase candida e muito absurda e, então, percebeu que não entendia nada e teve uma vontade imensa de sair dali.

E saiu.

Ou, não.

Sentiu inicialmente um estranhamento e uma fascinação por aquela pessoa tão peculiar, que chegou sorrateiramente no mesmo ponto de onibus que o seu e, por algum motivo, começou a te contar como era era militar, um general e estava conversando com o geisel ontem, trazendo soluções militaristas para os problemas sociais no Brasil.



6.000.000.000 de pessoas contra 8.

o encontro do G8 na Alemanha. resistência anti-capitalismo: local, cotidiana, íntima, pessoal/política. entender como e por quem as decisões que movimentam os estados nacionais mais poderosos (e patéticos) do mundo capitalista são tomadas.

O G8 é um grupo internacional que reúne: Estados Unidos (Presidente George W. Bush), Japão (Primeiro Ministro Shinzo Abe), Alemanha (Chanceler Angela Merkel), Reino Unido (Primeiro Ministro Tony Blair), França (Presidente Nicolas Sarkozy), Itália (Primeiro Ministro Romano Prodi), Canadá (Primeiro Ministro Stephen Harper), e mais a Rússia (Presidente Vladimir Putin).

Foi o Presidente Valéry Giscard d'Estaing que, em 1975, tomou a iniciativa de reunir os chefes de Estado e de governo da Alemanha, dos Estados Unidos, do Japão, do Reino Unido e da Itália em um encontro informal no castelo de Rambouillet, não longe de Paris. A ideia

era que esses dirigentes se reunissem sem o acompanhamento de um exército de conselheiros, para discutir a respeito das questões mundiais (dominadas na época pela crise do petróleo). Depois do sucesso da reunião de cúpula de Rambouillet, essas reuniões passaram a ser anuais e o Canadá foi admitido como sétimo membro do grupo na cúpula de Porto Rico, em 1976. Esse fórum, que, originalmente, girava essencialmente em torno do ajuste das políticas econômicas de curto prazo entre os países participantes, adotou uma perspectiva mais geral e mais estrutural, acrescentando à sua ordem do dia um grande número de questões políticas e sociais, em escala mundial.

O grupo continuou sendo composto de sete membros até a Rússia, presente como observadora desde o início dos anos 1990, fosse convidada em 1997 a oficializar a sua participação. A primeira cúpula a oito membros ocorreu, portanto, em 1998.

As movimentações antiglobalização neoliberal reconhecem o G8 como um grupo que vêm decidindo uma grande parte das políticas globais, social e ecologicamente destrutivas, sem qualquer legitimidade nem transparência. A política econômica é orientada exclusivamente para que o dinheiro investido reverta para as multinacionais e grandes investidores, retirando os direitos de camponeses/as e trabalhadores/as, afetando o equilíbrio da Terra, ecossistemas e culturas, e investindo mais e mais orçamento em guerras e repressão. Em 2001 no encontro anual, em Gênova, um manifestante foi morto a tiro pela polícia.

O encontro do G8 em 2007 acontecerá no norte da Alemanha, na cidade de Rostock, de 6 a 8 de junho. Simultaneamente, milhares de pessoas que se opõem às políticas neoliberais irão congregiar suas ações de diversas formas e em diferentes lugares. Muitos dos diferentes grupos e pessoas estão em

uma luta cotidiana contra os diferentes efeitos das políticas que priorizam o lucro em detrimento das pessoas, criando espaços autônomos e convivências alternativas.

Um chamado global para que as ações se realizem nos dez dias próximos à Cúpula, de 1 a 10 de junho de 2007, está circulando. Ações globais que combatam o capitalismo e a lógica absurda que este nos impõe. Nestes chamados, a ênfase se dá sobre a irreverência e a radicalidade de grupos e pessoas que dizem não.

Haverão os dias de ação sobre a agricultura (3 de junho), imigração (4 de junho), anti-militarismo (5 de junho) e mudança climática (8 de junho).

O coletivo corpuscrisis se junta à Convergência de Grupos Autônomos do DF para, no dia 8/6 movimentar a cidade de Brasília contra o encontro do G8. São 6 bilhões contra 8.



lugar de feminista pode ser na cozinha?

A cozinha é um símbolo forte do que é privado, e oposto claramente ao espaço público- que é pensado tradicionalmente como o espaço aonde ocorre a política; será que apesar ou a partir dessa simbologia podemos articular a cozinha como um espaço de política? o pessoal vira político?

Será que faz sentido insistir nessas dicotomias gastas de que o político é público e o privado é pessoal? será que é interessante continuar sustentando que existe um abismo intransponível entre o que é político e o que é pessoal? e a política sexual de divisão de tarefas (e até de mundos mesmo) que subjaz às organizações “pessoais” e “privadas”?

Não estão as feministas à décadas investigando a política subreptícia das organizações familiares? então porque excluir a cozinha de nosso leque de “lugares de intervenção política”? acreditamos que o privado, o pessoal, é político desde o início, e exatamente por isso temos que nos apropriar criticamente e investir esforços críticos e imaginativos para politizar nossas práticas culinárias!

politizando nossas panelas, vamos fazer picadinho do patriarcado!

politizar a prática culinária: conversar sobre veganismo, sobre boicote, sobre mango. trocar receitas veganas, telar panos de prato que podem ser um tipo de mídia interessante, reciclar, reaproveitar, compostar, etc.

Lutar pela okupação da cozinha!

Separação entre público/privado, político/doméstico faz parte de uma rede de opressões que sustentam o patriarcado e o capitalismo, romper com essas divisões é um ato de revolta/luta! O trabalho doméstico é constante e sistematicamente invisibilizado, mas quando você está estudando, organizando uma manifestação, escrevendo um zine, trabalhando em certas atividades, existe alguém que faz com que você possa exercer essas atividades, alguém cozinhando o que você come, lavando a louça do que foi sujo para o preparo da comida, e algumas vezes até lavando o seu prato....o tempo curto/escasso do capitalismo, no qual você tem que correr, sempre, para exercer certas atividades, não considera esse tempo de preparo da alimentação, cozinha, tempo também lúdico, de conspiração.

O espaço mais burguês, característico das casas da elite, é aquele que separa sala de jantar e cozinha, separada do resto da casa com porta fechada. é na cozinha que, historicamente, muitas mulheres se unem, fofocam, conspiram, trocam experiências de sabotagem! é na cozinha que trabalhadores inventam atos de sabotagem como cuspir em pratos de quem não encheria ou menospreza o trabalho por trás da porta do balcão do restaurante/lanchonete, ou quebram pratos de propósito, ou jogam alimentos a mais no “lixo” para depois serem recolhidos.... Autonomia é também fazer você mesma sua alimentação! Fazê-lo coletivamente, mas não explorando trabalho doméstico, ou dependendo de comidas de

restaurantes que também se utilizam de trabalho mau-remunerado, ou ainda recorrendo a comidas prontas que vem de um podução tosca e que destrói o meio ambiente.

Okupar a cozinha como lugar de luta! a cozinha pode ser lugar lúdico de conspiração, sabotagem e de luta. Estar na cozinha já é um ato político, não explorar trabalhadoras domésticas, retomar os meios de subsistência, romper com a divisão sexual e capitalista(trabalho intelectual e trabalho braçal)....

Mas não basta okupar, o que se faz nesse espaço é muito importante. O que é dito lixo para algumas pessoas, é visto como material reciclável por outra. Cuidar da forma como você vai se desfazer das coisas que não são mais úteis é pensar o processo de produção, o trabalho de outras pessoas que também é invisibilizado, catadoras e catadores de material reciclável. Produção de lixo em excesso é um dos grandes problemas atuais, cuidar do que se compra, embalagens sacos plásticos é fundamental, tanto quanto se ligar na produção do alimento que se come. O lixo não acaba na sua lixeira! Comprar de pequenos produtores além de ser uma to de boicote a (não)distribuição de terra atual é também se aproximar dos processos de produção, cada vez mais retirados da vista pelas prateleiras de supermercados com enlatados/embalados/deformados.

Se aproximar do processo de produção envolve também pensar a opressão de outras espécies, transformadas pelo capitalismo em propriedades. Repensar

sua alimentação é repensar a relação com outras espécies, que essa não seja opressora exploradora, um mundo onde caibam vários mundos é também um mundo onde caibam várias espécies.

A luta contra opressão de espécies não-humanas é constantemente vista como em segundo plano ou menos importante, resultado de um forte especismo presente em nosso contexto social/cultural, especismo que opera com mecanismos similares ao do racismo, do machismo e do xenofobismo. Mas a opressão, e em consequência a libertação da mesma, não é dividida em caixinhas, todas as formas opressoras estão interrelacionadas e são interdependentes.

não existe lixo.

a ideia mesma de lixo parece só fazer sentido em meio a práticas de consumo distanciadadas e indiferentes aos processos e meios de sua produção.

nesse encontro, estamos querendo pensar no que, porque e como do lixo. e começamos tentando dar-lhe novos significados no próprio encontro, a cada minuto.

uma das idéias é tentar não produzir lixo: não queremos descartáveis aqui. tragam copos, talheres, canecas, pratos, vasilhas de casa - vamos cuidar do nosso lixo.





ABORTO LEGAL E SEGURO

Quando o Papa fala que o aborto é contra o princípio da vida pregado pelo catolicismo ele silencia o movimento Católicas pelo Direito de Decidir, que é formado por pessoas católicas praticantes que lutam pela legalização do aborto.

Quando o presidente fala que nenhuma mulher aborta por escolha ele está silenciando várias mulheres que abortam por só ter essa escolha. Quando um juiz fala que o aborto fere o direito a vida que se iniciaria na

concepção ele está silenciando diversas crenças sobre a vida e ferindo o direito constitucional à diversidade religiosa, uma vez que diferentes religiões acreditam que a vida começa em momentos diferentes.

Quando um parlamentar fala que a legalização do aborto aumentaria o número de abortos e acarretaria numa menor prevenção da gravidez ele está silenciando os dados sobre abortamento nos países onde este é legalizado e sua realização segura significou, nas estatísticas, em melhoria de qualidade de vida pra muitas mulheres.

Com a possibilidade de um plebiscito sobre aborto e com o tema em debate na mídia faz-se necessário um intenso debate e reflexão que permita que essas vozes silenciadas possam ser ouvidas. Falar e pensar sobre aborto, sua descriminalização, sua legalização, implica escutar como pessoas de diferentes religiosidades pensam sobre isso, como pessoas que não optam por nenhuma religiosidade lidam com isso, como pessoas que abortaram se sentem, como pessoas que decidiram ter filhxs reflexionam sobre essa possibilidade, como pessoas de diversos contextos culturais encaram a prática, como o aborto foi tratado ao longo da história...

Também é importante que pensemos em velhas questões: a quem interessa o controle de nossos corpos? Quando o estado não fornece às mulheres maneiras seguras de interromper uma gravidez indesejada, ele está reforçando uma das idéias centrais do patriarcado, a que diz que as mulheres somos incapazes de autonomia.

Precisamos discutir a questão do aborto sob a perspectiva da oposição de classes, já que muitas das mulheres que morrem devido a abortos mal-realizados são mulheres pobres que realizam abortos em condições insalubres e precárias. Mulheres ricas têm acesso a clínicas ilegais (mas sob muitos aspectos legítimas) que realizam abortos seguros - e caros.



Sentimos na pele a urgência de organizar certas ideias, expressar algumas angústias relacionadas a projetos de vida política/pessoal sustentáveis no tempo... pensar na nossa relação trabalhista com o capital, em que contribuimos, mesmo sem querer, para o funcionamento de esquemas contra os quais lutamos?

Essa é uma discussão infinita e talvez podíamos pensar em coisas mais práticas que envolvam trabalho livre/voluntário, miliância e meios de sobrevivência material mesmo.

Até onde vale a separação entre vida e trabalho, prazer (no tempo livre) e tortura (na maior parte do tempo, 8 horas)? também é frustrante pensar maneiras de ganhar dinheiro das duas formas (separadas ou juntas), seja com trabalho militante (em ong por exemplo) ou com trabalhos palhas, obrigatórios, involuntários, super exploradores... (uma empresa capitalista, funcionlismo público, um estágio tosco, o comércio da família, uma bolsa de pós-graduação) e é revelador pensar que enquanto podemos empenhar nosso tempo pensando nesse tipo de coisa, quem é que está fazendo os trabalhos palhas pra nos sustentar? quem é que sustenta nossos sonhos? essa discussão é menos absurda e distante do que parece, o que acontece é que, muitas vezes, existe mesmo alguém de quem estamos tirando alguma(s) coisa(s) (notadamente, material)... e pensamos agora em vários relatos do tipo:

"e aí fui fazer um trabalho na casa de uma pessoa x, que é legal e compartilha várias preocupações comigo, até que às 11 da noite a pessoa grita, na porta da cozinha: 'ôu, dá pra fazer um café pra gente?"

ou

"estou tentando ensinar matemática ao filho da empregada da minha casa, mas ele acha que é muito burro e que nunca vai conseguir chegar na universidade como eu, e se contenta com a possibilidade de fazer um curso técnico"

...
enfim, pensamos em quais são os desejos e frustrações materiais e imateriais que sustentam nosso conforto, a possibilidade temporal de poder ficar pensando. é óbvio que há diversas pessoas que têm rotinas sufocantes, com enorme escassez de tempo pra lazer-descanso ou dedicação "intelectual" ou distração mesmo, que estão pensando cotidianamente nos motivos desse sufocamento, pensando no imperativo do capital sobre nossas vidas e todas as obrigações que ele impõe, mas agora estou falando de "nós" e não um nós universalizante, mas formado a partir de uma experiência de classe média com conforto material. e também formado com pessoas que estão, mais cedo ou mais tarde, se deparando com necessidades materiais muito específicas e que são regidas por aquele mesmo imperativo do capital. temos tentado pensar soluções possíveis, não conformadas e isso leva a pensar em outras coisas, como a insustentabilidade mesmo dos sistemas urbanos como os conhecemos. não sei se é esse um espaço (físico) pra essa discussão (que é também infinita e longa) mas onde fica a porta de saída (voluntária)?

A separação entre trabalho (produção que envolve transformação, valor qualquer agregado) e emprego (venda da força de trabalho em troca de um salário) parece sustentar a separação entre quem trabalha e quem possui os instrumentos... e atualmente essas duas dimensões andam se confundindo...

O capitalismo contemporâneo incorporou algumas coisas que eram utilizadas para criticar a fatalidade de seu funcionamento:

A produção de mercadorias costumava ser seriada e homogênea para pessoas que tinham gostos e desejos diferentes, isso era o que dinamizava a produção; mas hoje os mercados se organizam em nichos (engraçado como essa palavra parece, foneticamente, com fetiche) e as coisas produzidas são feitas tendo em vista a individualidade

consumidora, efeito: desarticulação do sistema de produção seriada clássico e investimento em desejos, e marketing, desvio de valor agora agregado às especificidades. esse foi um dos maiores saltos do capitalismo, que se no começo precisou convencer a/o consumidor/a de que era mais um/a num grande berço "humano" (e aí está dissimulada uma noção de que, mesmo sendo perverso, não é tão ruim fazer parte disso - todo o resto do mundo faz), agora pode convencer às pessoas de que elas são únicas e especiais (e comprar tal produto é precisamente o que vai fazer você diferente).

O conflito de classes era palpável e hoje as figuras clássicas aparecem dissolvidas, ou melhor, não aparecem, muitas vezes. A mais-valia parece mais distribuída; pessoas supostamente podem fazer parte da gestão da empresa, as máquinas são alugadas, os serviços terceirizados, o trabalho é estimulado pela vontade "própria" dxs trabalhadorxs e não por vigias de produtividade, as pessoas trabalham felizes e contentes como formigas, voltam satisfeitas para casa (claro, estamos falando aqui de trabalhos valorizados, como numa multinacional que trabalha com produção imaterial, embora em um supermercado comum existam figuras intermediárias entre o dono da rede e os trabalhos mais precarizados; em uma livraria as vendedoras se sentem partem de uma família, socializam ganhos e perdas, enfim, em várias funções empregadas se percebe a diluição entre capitalistas e operárias, de uma maneira que o inimigo parece intocável.

Esse mecanismo é parecido com o que faz o sistema de trabalho doméstico no brasil tão peculiar: a diluição artificial de um abismo patrão x empregada; o mito da doméstica que "faz parte da família", além de uma das maiores e persistentes heranças do sistema de escravização-assassinato-estupro-epistemicídio... negra e indígena, é o que permite essa dupla-conduta que, enquanto nega às empregadas direitos trabalhistas porque "elas são parte da

família" (muitas não têm horário de início e término do expediente, por exemplo), nega a elas o pertencimento efetivo àquela família, já que elas não têm acesso a todos os cômodos das casas o tempo todo, embora o patrão tenha acesso aos cubículos em que muitas delas moram (carinhosamente apelidados de "dependência de empregada" - é muito legal pensar no funcionamento ambíguo do termo dependência aí: quem depende de quem?) (e esse acesso não é só aos cômodos mas também a seus corpos), elas não estão nos álbuns de festas porque ficam o tempo todo na cozinha, elas não fazem parte dos processos decisórios oficiais por mais que sirvam, muitas vezes, como oráculos e conselheiras (quando conveniente)...;

Parênteses: as desigualdades continuam existindo em parte decorrente da precarização do trabalho, trabalho informal e flexibilização das CLT; o que acontece em certas regioes (uma geopolítica da exploração no trabalho...), é fácil perceber como xs trabalhadorxs estão sendo esmagadx pela globalização e pelo capitalismo triunfante e tardio, com a flexibilização das leis trabalhistas e a institucionalização de relações de trabalho precárias em muitos países, o que faz de cada um(a) seja um(a) desempregadx em potencial.

Talvez fosse interessante perceber quais críticas não foram incorporadas: dicas: distância entre valor-de-uso e valor-de-troca (produção voltada para necessidades concretas?), trabalho anti-capitalista (que não gera valor/capital) e outras estórias que envolvem valores não mensuráveis...

Perguntas bem-vindas: até onde vai a intimidade absurda entre capitalismo e trabalho? Seriam, então, aquelas pessoas desertoras do mundo do trabalho um perigo para o capitalismo?